

**Back Donor Project No (if any): -**  
**Name of your Organisation: Norwegian Church Aid**  
**Local Partner(s): Koinonia**

## **ABOUT THE EVALUATION**

**Evaluation year: 2006**

**Conducted by: Mara Vanessa Fonseca Dutra**

**Country: Brazil**

**Region: South America**

**Theme/DAC sector: 130 Population Policies/Programmes and Reproductive  
Health**

## **SUMMARY OF THE EVALUATION (maximum 2 pages)**

### **Title of Evaluation Report:**

Programmatic evaluation 2004-2006

### **Background:**

Koinonia's strategic plan for 2004-2009 foresees two programmatic evaluations during the period, this one being for the first three years 2004-2006. One main ambition was to collect impressions from the public with whom Koinonia works, both direct beneficiaries as well as local, national and international partners.

### **Purpose/Objective:**

- 1) To verify the achieved vs. the expected results
- 2) To observe and evaluate the execution of the programmes
- 3) To register the opinions and visions of the direct public and partners of Koinonia

### **Methodology:**

- Reading and analyzing plans, reports, other documents prepared by the programmes
- Elaboration of agenda for observation and interviews
- Meetings with each programme staff
- Interviews with Koinonia staff
- Field visits
- Interviews with direct public
- Interviews with partners

### **Key Findings:**

Although working with a 30% reduction in income (mainly due to exchange loss), KOINONIA has achieved most of its planned objectives, and in some cases even surpassed them. A few activities have been faced out though, as for example the magazine *Tempo e Presença*. In communities where Koinonia has had a presence over time, there has been developed a strong sense of solidarity in the relation with rights holders which has been fundamental for carrying out the projects.

### **Recommendations:**

- Create methods for a greater synergy between the projects what regards the transversal lines of Koinonia's work.

- Working on how to amplify the effect of their programmes, through formation of “multipliers”.

**Comments from Norwegian Church Aid (if any):**

Recommendations will be considered when elaborating the new three-year plan. NCA will follow the process.

## **KOINONIA**



## **AVALIAÇÃO PROGRAMÁTICA**

**JUNHO/JULHO 2006**

***Mara Vanessa Fonseca Dutra***  
***consultora***

## Índice:

### Introdução

#### Programa Saúde e Direitos

##### Avaliação

Visão do público direto: Leitura transversal das entrevistas

Visão do parceiro: Relação com Estado – CRT/SP

#### Programa Territórios Negros – Quilombos

##### Avaliação

Visão do público direto

#### Programa Egbé Territórios Negros – Terreiros de Candomblé

##### Avaliação

Visão dos parceiros e público externo

Visão do público direto: mudanças significativas

#### Programa Trabalhadores Rurais e Direitos

##### Avaliação

Visão do público direto

Visão dos parceiros

#### Programas Ecumenismo, Diálogo e Formação e Redes Ecumênicas e da Sociedade Civil

##### Avaliação

Visão dos parceiros: leitura transversal das entrevistas

### Institucional

Rápido olhar avaliativo: planejamento, orçamento, ambiente institucional, serviços de comunicação e de documentação, visibilidade

### Anexos

*Fotos SubMédio São Francisco*

*Fotos Preto Forro*

*Fotos Alto da Serra*

*Íntegra das entrevistas do Programa Saúde e Direitos*

*O caso de Ana Aparecida*

*Íntegra das entrevistas dos Programas EDF e RESC*

*Resumo para apresentação ao público interno (Koinonia)*

## **Introdução**

Esta avaliação programática consta do planejamento estratégico de Koinonia e corresponde a uma avaliação de meio termo (trienal).

Os Termos de Referência estipulavam que o cerne da avaliação seria captar o olhar do público direto e dos parceiros sobre a atuação de Koinonia.

Para realizar este trabalho, foram feitas viagens de campo às regiões de atuação direta dos programas Saúde e Direitos (São Paulo), Territórios Negros/Quilombos (Rio de Janeiro), Egbé (Salvador), Trabalhadores Rurais e Direitos (Sub Mèdio São Francisco).

Em cada local visitado, foram realizadas entrevistas com o público direto e com parceiros de Koinonia; pude também participar de algumas atividades, como o curso para agentes culturais em Delmiro Gouveia.

Antes do trabalho de campo, fiz também reuniões com cada equipe de programa. O roteiro de entrevistas com as equipes foi pensado a partir dos Termos de Referência e procuravam abordar os resultados alcançados, as dificuldades, as perspectivas, as estratégias e metodologias utilizadas. Os roteiros de observação de campo foram também discutidos com cada equipe de programa.

Não utilizei questionários fechados, mas roteiros de observação e de entrevistas, o que possibilitou um trabalho mais aberto, procurando captar também o aspecto subjetivo, o olhar, o pensamento e os sentimentos das pessoas envolvidas. Foi um processo muito rico para mim, proque cheio de aprendizagem.

A proposta era captar o que os indicadores previstos na matriz de planejamento não contam; perceber a vida por trás dos fatos e dos números registrados nos relatórios anuais. Utilizei, para este trabalho, algo da metodologia de sistematização de experiências, procurando trabalhar com os diferentes públicos a memória do que viveram nesses últimos três anos no trabalho em parceria com Koinonia, e lançando perguntas provocativas para gerar alguma reflexão sobre o vivido.

Algumas entrevistas a parceiros internacionais e nacionais (programas EDF e RESC) foram feitas por telefone.

Com os primeiros resultados da avaliação, foi realizado um debate em reunião do NAI, no início de junho, na sede de Koinonia. As observações surgidas nesse debate foram incluídas no texto final da avaliação.

O texto é apresentado por programa. Para cada programa, há um texto avaliativo, que procura situar o histórico do programa, analisar os resultados alcançados, a metodologia utilizada, a relação com os demais programas de Koinonia e com os eixos transversais, temas de interação e desafios institucionais; e as dificuldades, desafios e perspectivas. Em alguns casos, faço sugestões, que devem ser consideradas como visão de alguém externo, o que significa que podem ser sugestões cabíveis ou não. O olhar externo sempre tem vantagens e desvantagens.

Para cada programa, é apresentado um segundo texto que trata da visão do público direto e dos parceiros. Esses textos foram montados a partir das entrevistas e procuram manter o máximo de fidelidade ao que as pessoas disseram.

A avaliação, nesse caso, foi muito mais o exercício de procurar captar o olhar do público e dos parceiros, e de promover espaços de debate em cada programa e no NAI, do que um exercício tradicional de avaliação, com o olhar da consultora prevalecendo como a "verdade avaliativa". Entendida muito mais como um momento de aprendizagem e de reflexão, a avaliação foi considerada, na reunião do NAI, um processo rico, sem tensões, e gerador de insumos positivos que se encontram registrados neste documento.

O material produzido poderá ser utilizado para diferentes finalidades. Trata-se de um rico acervo de olhares sobre Koinonia.

Para mim, foi um processo de extrema riqueza. Trouxe um saldo de alegria e de esperança. Koinonia demonstra, com seu trabalho, que um mundo melhor é possível.

## **Programa Saúde e Direitos:**

O eixo central da metodologia deste programa é a formatação de um curso de capacitação para multiplicadores no tema HIV-Aids. Esse curso foi inicialmente pensado para um público de igrejas – lideranças intermediárias. A partir do planejamento estratégico, começou também a considerar os outros públicos dos programas locais de Koinonia, além da ampliação temática (Saúde e Direitos). Isso significou arranjos metodológicos. O programa hoje conta com módulos preparados sobre HIV-Aids, Saúde da Mulher e Direitos Reprodutivos. Na questão de Gênero, quando necessário convida-se profissionais especializados. Como equipe de trabalho, o programa conta com Ester Almeida e Anivaldo Padilha.

O trabalho resultou na elaboração de uma cartilha (Aids e Igrejas), cujo texto foi preparado por Koinonia e publicado pelo CRT-SP. Também foi feita uma tiragem por Diaconia. Hoje essa cartilha está sendo publicada pelo MS (30 mil exemplares).

### *Resultados esperados X alcançados*

O programa tem avançado em direção a seus objetivos específicos (ações educacionais com comunidades religiosas para superação do estigma; lideranças locais desenvolvendo atividades sobre direitos reprodutivos, HIV Aids e Gênero).

Com o público “comunidades religiosas”, o trabalho tem sido realizado (ver entrevistas Grupo de Mulheres e Grupo de Multiplicadores) sobretudo em São Paulo, região sede do Programa. Mas também têm sido iniciadas atividades junto aos terreiros de candomblé na Bahia.

Entre os desafios para o trabalho com públicos de igrejas, está o de adequação da linguagem para trabalhar com igrejas neopetencostais. (Obs: já existe uma iniciativa de Koinonia nesse sentido: foi criado um grupo de debate para trabalhar nessa metodologia). Um desafio colocado por Keila (Igreja Metodista) foi o de trabalhar o tema na formação de pastores e pastoras, “multiplicadores naturais”.

Junto ao público “lideranças locais”, pensando nos públicos específicos dos demais programas de Koinonia, o trabalho de SD avançou mais justamente com grupo de mulheres do ES (PTN Quilombos), mas não seguiu devido à saída de Koinonia da região. Atividades estão previstas com jovens no SubMédio e devem ainda ser iniciadas. Nada previsto ainda com os quilombos no Rio de Janeiro.

A parte que menos avançou foi a de fortalecimento de redes ecumênicas de solidariedade. Há uma Rede Evangélica com a qual se iniciou um trabalho, mas que existe quase que só de nome e não de fato. Um desafio grande, e no qual se poderia sugerir que o programa focalizasse nos próximos anos, seria fazer funcionar essa rede. Para isso, o PSD tem que ter clareza de seu papel de “animador” da rede, o que significa dedicação de tempo e energia, e a colocação em funcionamento de mecanismos de comunicação reais (nem sempre a internet por si só funciona...). O papel de animador supõe também propor ações coletivas, que criem ambiente de rede e identidade de trabalho comum.

### *Efeitos e impactos do programa*

Há muitos depoimentos sobre mudanças provocadas pela ação do programa na vida

das pessoas entrevistadas e dos grupos, como o CRT-SP. (Ver entrevistas).

O trabalho com o tema HIV-Aids foi também citado por alguns dos parceiros ecumênicos nacionais e internacionais como um dos diferenciais de Koinonia (ver entrevistas programa RESC).

*Eixos transversais, temas de interação, desafios institucionais e valores:*

Ecumenismo e superação da violência são temas trabalhados pelo programa com resultados visíveis. Ver nas entrevistas depoimentos sobre ecumenismo. Sobre superação da violência, há um esforço consciente do programa para a superação do estigma e da discriminação em torno das pessoas portadoras de HIV-Aids, com algum resultado, embora ainda tímido.

Dos temas de interação programática, a questão da juventude aparece citada em entrevista com grupo ecumênico de mulheres (SP), embora não haja nenhuma ação específica desenhada para este fim. Há um início de trabalho com jovens no SubMédio e uma demanda clara, sobretudo para o tema de gênero (ver entrevistas PTRD).

A relação dos temas aids e gênero com os demais programas já foi comentada.

Em relação aos desafios institucionais, gênero é justamente uma área em que Koinonia necessita formação, reconhecidamente (entrevistas com equipe). Está sendo feito um trabalho nesse sentido, com um processo de avaliação temática que é al mesmo tempo um processo formativo e que pode resultar em propostas concretas.

Quanto aos valores: ecumenismo, ética de solidariedade e direitos humanos, estão claramente presentes na atuação do programa (ver entrevistas).

*Transversalidade com os demais programas de Koinonia:*

O programa tem feito ações em Salvador (Egbé), no ES (TN Quilombos) e no SubMédio (TRD). Entrevistas feitas com públicos desses programas citam essa participação. Para Ester, a transversalidade ainda não acontece realmente, porque não é só solicitar a ela um curso ou oficina, quando o tema surge; mas seria planejar junto com o coordenador do programa e vivenciar todo o processo juntos.

No ES, foi formado um grupo que, segundo Ester, foi o melhor no Encontro Nacional em Salvador. A retirada de Koinonia (Programa TN-Quilombos) do ES significou automaticamente a "perda" desse grupo. A sensação de perda é ainda muito grande.

No SubMédio, foi citada a participação de Ester (e considerado importante o tema que ela trazia) por mais de uma pessoa entrevistada.

Importante observar que essas iniciativas para superar a falta de organicidade entre os programas vêm sendo desenvolvidas conscientemente por Koinonia, por detectar a importância dessa interação e as grandes possibilidades deste programa em relação aos demais.

*Relação com Política Pública: CRT e MS*

A relação com o CRT-SP tem sido de parceria total, com Koinonia exercendo um papel reconhecidamente fundamental no GT Religiões (sobre o assunto, ver capítulo Parceria de Koinonia com CRT-SP). A concretização maior dessa parceria é a publicação da "cartilha". A internalização do tema tanto pela rede estadual de saúde quanto pela nacional é ainda um grande desafio. A demanda cresce e não há focalização na formação de multiplicadores (tanto no CRT quanto no MS). Um desafio é justamente esse de "capacitar o estado para dialogar com as igrejas" (Ideraldo). Como fazer isso, além e a partir do GT Religiões?

A metodologia do programa prevê a formação de grupos de multiplicadores.  
Questão: só a publicação garante a formação?  
Desafio: Como o programa vai participar da distribuição ampla do material do MS?

Importante constar que, na época da finalização desta avaliação, já estavam em andamento negociações com o Ministério da Saúde; Anivaldo estava indo a uma reunião em Brasília para tratar desse assunto. A proposta de Koinonia sempre foi desenhar um programa de formação em torno da publicação, com o Ministério. O problema é que há uma expectativa, por parte do Estado, de trabalho voluntário de Koinonia, o que é irreal. O que se busca é estabelecer uma relação de prestação de serviço, com orçamento definido, de forma que a parceria seja viável para Koinonia.

#### *Gênero*

O tema ainda é pouco internalizado. Quando há necessidade de oficinas ou cursos, Ester recorre a especialistas. Há demanda por trabalho nessa área; no PTRD, por exemplo, a demanda foi claramente explicitada por Quitéria. Gênero é tema de uma avaliação específica contratada por Koinonia, a qual pode oferecer subsídios para se pensar ações mais concretas nessa área.

#### *Sobre Planejamento e Metodologia/ Algumas sugestões*

Os indicadores quantitativos são alcançáveis? Com que grau de qualidade? Metas deveriam ser revistas?

Talvez trabalhar mais na formatação de metodologia de formação de formadores para atender à demanda em aumento geométrico do que em oferecer cursos de capacitação de forma direta.

Enfocar mais na Rede de Solidariedade, já que é a estratégia prevista para dar conta da ampliação da demanda por parte do público das igrejas. Pensar modelos de rede que não necessitem estrutura pesada; investir na comunicação como meio para fazer funcionar a Rede; ter papéis definidos e lançar propostas de ação concreta conjunta (a rede existiria na ação, resguardando a independência e autonomia de todas as partes – essa é uma possibilidade de modelo); investir na formação de multiplicadores no âmbito dessa Rede.

Algumas questões se colocam, como:

Qual o grau de apoio concreto necessário para que a Rede funcione? E para que os grupos, como o dos multiplicadores em SP, funcione melhor? Qual o papel de Koinonia nisso – ajudar esses grupos a buscarem apoio? (Ester lembra que é preciso entender, institucionalmente, que essas pessoas trazem o trabalho como vivência). Como fazer o acompanhamento dos novos grupos abertos a partir das demandas dos demais programas de Koinonia?

#### *Comentários*

O programa tem crescido exponencialmente e tende a crescer cada vez mais. Ocupa um papel central na estratégia de Koinonia (é transversal a todas as demais ações) e é uma das marcas de identidade institucional reconhecidas por seus parceiros. É de se admirar a capacidade de Ester de responder a todas as demandas, porque a estratégia é muito centrada na sua disponibilidade para oferecer capacitações, oficinas, cursos. O material produzido pela equipe do programa (Anivaldo e Ester) tem tido uma repercussão grande, o que deve provocar ainda mais demanda. A interação com políticas públicas já está dada. A grande questão que se coloca é como pensar estratégias e metodologias que permitam atender a esse crescimento sem perda de qualidade e sem sobrecarregar ainda mais a reduzida equipe de trabalho. O desafio é, realmente, sistematizar a metodologia de formação de multiplicadores de forma a ter uma ferramenta de trabalho que permita a ampliação da ação (comentário de Anivaldo Padilha).

A questão dos multiplicadores – um bom caminho – merece ser valorizada, buscando-se também identificar o que mais Koinonia pode fazer para que essa estratégia avance e os multiplicadores caminhem por conta própria; e como ampliar para outras regiões e outros públicos (não só comunidades de igrejas) essa experiência de formar multiplicadores. A estratégia de colocar em funcionamento a Rede Evangélica de Solidariedade merece mais atenção, assim como identificar e fortalecer outras redes que possam cumprir o papel de multiplicadores. O grande desafio para a efetividade dessas redes é o fato de terem como base o trabalho voluntário, como bem analisa Anivaldo Padilha.

## Programa Saúde e Direitos

### Visão do Público direto Leitura transversal das entrevistas

#### *Resultados, efeitos e impactos*

##### *Grupo Mulheres (Igrejas):*

- aprendizado
- autoestima
- liberdade
- espaço de confiança, convivência e amizade
- Reação positiva dos homens
- Efeito multiplicador

##### *Ser multiplicador (Grupo de multiplicadores):*

- É uma missão.
- Falar do assunto sem o peso do pecado, com a linguagem da igreja;
- É gratificante, as pessoas procuram depois para se abrir;
- O toque é conseguir transmitir a mensagem sem ferir o credo da pessoa;
- Não aparecer no meio da comunidade como um estranho, mas passar boa carga de informação de responsabilidade;
- Não é fácil. Precisa envolvimento interno, compromisso interior, para despertar interesse no outro.
- Tem que se reciclar sempre.
- É um trabalho de formiguinha, que funciona.

##### *Ana Aparecida:*

*O mais significativo* é estar trabalhando com algo que é bom para todo mundo. Traz resultados para a auto-estima e traz amizade

##### *Quebra de preconceito*

##### *Grupo de multiplicadores:*

- Pouco se tem conseguido, mas há muita ignorância e desinformação; há confronto com a "palavra"(Bíblia) – tem que saber usar a Bíblia;
- as pessoas das igrejas são fechadas e não têm informação; quando se abre uma janela, querem mais;
- hoje é maior a discussão sobre temas ligados à Aids, como homossexualidade, uso do preservativo, drogas...

##### *CRT-SP:*

- Já se consegue algum avanço em algumas regionais

##### *Keila:*

- ainda precisamos trabalhar mais no tema, a ação da Igreja é tímida. A Igreja tem dificuldade de entender o tema, não sabe o que fazer – orar, só? A Igreja é solidária, mas não tem projetos diretos.
- Linguagem tem sido modificada – não se fala mais em "aidéticos", mas em viver e conviver com HIV-Aids

##### *Participação nas Jornadas Ecumênicas:*

Essa participação definiu um **momento de virada** em minha vida (Ideraldo)

##### *Diferencial trazido por koinonia ao CRT-SP:*

Trouxe a voz das igrejas que não se escuta

Outro jeito de discutir Aids e Igrejas  
Ajuda a formar e abrir espaços novos  
Articulação política  
Acesso a grupos com diferentes agendas  
Ajudou o GT a responder melhor às demandas, inclusive porque traz mais gente, soma esforços  
Possibilitou ao Estado e ao GT circular em espaços que não circulavam (por exemplo, a Jornada Ecumênica).

*Keila:*

Koinonia dá suporte pedagógico para as igrejas, suprimindo uma enorme falta real

*Pontos positivos/potencialidades*

*Multiplicadores:*

- Encontro com outros públicos de Koinonia

*CRT-SP:*

- O material didático (cartilha Aids e Igrejas)
- Material de divulgação, informação e denúncia, como o Boletim Fala Egbé e o Vídeo sobre Intolerância Religiosa
- Trabalho tem potencial de multiplicação
- O debate traz outros temas adjacentes: saúde da mulher, raça e etnia, direitos etc
- Encontro sobre Aids gera outros encontros sobre esses outros temas

*Cartilha*

*Multiplicadores:*

- ajuda muito na quebra do preconceito

*CRT-SP:*

- A publicação Aids e Igrejas foi um ápice do trabalho do GT e da contribuição de Koinonia.
- O Estado publicou a cartilha com tiragem de 10 mil exemplares. A distribuição vem sendo feita vinculada sempre a uma ação
- A publicação trouxe maior demanda de trabalho
- É considerada "fonte de sensibilização ótima"
- Expandiu a visibilidade do tema e gerou maior interesse das pessoas
- Há demanda pelo material por parte de pessoas não religiosas, que querem conhecer.

*Keila (Igreja Metodista)*

- Distribuiu para: bispos, responsáveis por ação social por região; lideranças de segmentos
- Algumas pessoas pediram mais (ex: Bispa Marisa, médica, no nordeste, para trabalhar com pastores).
- Publicaram resenha na revista Expositor
- Parceria com CIEMAL para uso do material em seu programa de formação

*Ecumenismo*

*Grupo Mulheres de Igrejas:*

- Não existe você ser cristão apenas, você tem que ser cristão e ecumênico. Se não você não é cristão
- Apesar dos encontros, e da gente vir aqui na Igreja Presbiteriana, na Igreja Luterana, eu sou cada dia mais católica; ela é cada dia mais luterana.

- Dificuldade de doutrina com certeza a gente tem, mas o encontro transcende isso.

*Ana Aparecida:*

- A prática ecumênica ainda não é aberta por ela em sua igreja. Não fala disso lá, mas participa dos *encontros de Koinonia*. O encontro com pessoas de candomblé a chocou, e ainda choca.

*CRT-SP:*

- praticamos o ecumenismo sem nomear assim. Quem entra no GT tem que ter esse espírito, senão, não fica”.

*Keila:*

- Trabalhar sensibilizando sobre ecumenismo não é fácil; a questão do diálogo inter-religioso não é tranquilo, há muitas dúvidas. Para quem faz movimento social, é mais fácil porque tem que trabalhar junto; mas a ala do reavivamento espiritual quer “converter”
- A rede poderia ajudar a sensibilizar lideranças das igrejas para o ecumenismo (CONIC tem feito esse papel, mas só com as cúpulas)

*Juventude*

*Grupo de Mulheres:*

- A gente está levando isso muito a sério esse programa do ecumenismo dos jovens

*Gênero*

*Grupo de Mulheres:*

- “inveja” das católicas por não poderem ser pastoras
- proposta de trazer os homens para um trabalho conjunto

*Sugestão de ajustes/ desafios*

*Grupo de Mulheres:*

- Ter mais frequência de encontros (três por ano)
- Ter mais gente envolvida
- Divulgar mais (Essas coisas muitas vezes passam despercebidas, porque não tem muita divulgação)
- Mais intercâmbio entre as igrejas
- Trazer homens e mulheres para as assembleias. Eles também poderiam ser multiplicadores para os outros homens na fábrica, no trabalho, onde eles vivem. Por que só mulher? Tem homens muito bons de coração.
- Que venham os jovens também.
- Eu desejo que aconteça mais nas paróquias católicas. Minha proposta é levar este grupo ecumênico para nossa paróquia. As pessoas seriam mais felizes e evangelizadas.
- Poderíamos estar um dia aqui, outro em outra paróquia.

*Grupo de Multiplicadores:*

- Mais capacitação em temas como gênero, homossexualidade, ecumenismo
- Reciclagem; o tema gera peso emocional;
- Falta um local de referência para juntar o material, ter acesso a ele com mais facilidade;
- Trabalhar a memória do grupo (existe muita coisa gravada)
- Investir no plano da gente aqui no Vale da Paraíba, investir nessa coisa do estudo para formação de multiplicadores, ampliar esse grupo
- formação de multiplicadores já, ampliar o grupo

- buscar homens para o grupo, só tem um (o pastor);
- Desafio: Formar novas pessoas porque a demanda está crescendo e a Ester tem que ficar liberada para outras coisas

*Ideraldo:*

- A parceria com o estado é um "desafio de Sísifo", porque o estado tem que ser laico, como vai se envolver com movimento religioso? Por isso, Koinonia pode encontrar muitas resistências do Estado quando tratar o tema do ponto de vista estritamente religioso. Tem agora um grande **desafio** de capacitar o Estado para dialogar com as Igrejas. Capacitar o Estado significaria ensinar como tratar o tema, capacitar enfermeiros, utilizar recursos didáticos como teatrinhos, cartazes, tudo que for possível.

*CRT-SP:*

- É preciso o estado (a estrutura) se organizar regionalmente

*Keila:*

- Articular a Rede
- Rede poderia ajudar no entendimento da unidade cristã a partir da solidariedade
- *Sugestão concreta:* ter alguém que "puxe o bonde" da rede e ter "o contato do bonde", para que a rede funcione (Ex: a jornada ecumênica aconteceu porque Koinonia organizou, embora muitos colaborassem)
- As pessoas perguntam como trabalhar com o material (cartilha); talvez a Rede pudesse ter uma estratégia e uma metodologia para isso.
- Trabalhar na formação teológica de pastores e pastoras: eles são os multiplicadores naturais.

*Dificuldades/limites/desafios*

*Multiplicadores:*

- Não consegui formar nem um grupo na minha paróquia, onde nasci e cresci, sou conhecida e tenho credibilidade. Vou "comendo pelas beiradas. (Taís)
- relação com terreiros. Seria preciso aprofundar mais, ter mais conhecimento da história;
- faltam pessoas, a demanda é muito grande;
- os encontros ficam muito esporádicos;

*Ana Aparecida:*

- Formou-se como multiplicadora, mas ainda não encontrou caminho dentro de sua igreja para atuar. O tema é difícil de abordar. Sexualidade não se discute na Igreja; nenhum tema relativo a direitos da mulher. A igreja é muito machista, difícil aceitar expressão das mulheres. Ela é sozinha, na sua igreja.
- Sente dificuldade por causa de sua diferença de formação profissional em relação ao grupo de multiplicadores
- Desafio para o Programa é o jeito de chegar nas igrejas neopentecostais. É difícil porque, na mentalidade dessas pessoas, tudo pode chocar. Acha que é preciso pensar um material didático com linguagem mais apropriada para essas igrejas

*CRT-SP*

- Há *dificuldades* porque os profissionais de saúde, embora possam ser religiosos, não levam a discussão para suas comunidades.
- *Dificuldades* são enormes com a estrutura de saúde pública
- Precisa de mais gente

- Com a cartilha sendo lançada nacionalmente, pelo Ministério da Saúde, como fazer com a demanda?
- Uma dificuldade de se tocar no assunto é, segundo Celso, porque há uma visão externa equivocada em relação às pessoas religiosas: "os religiosos não podem ter fantasmas, são seres feitos de luz".

*Projeto/Programa*

*Multiplicadores:*

- Acredito que ampliou no sentido de você conseguir abordar mais temas, conseguir trabalhar mais consciência, você consegue atingir mais as pessoas e ampliar espaços. Exemplo do trabalho com EducAids. (Taís)
- O Programa cria espaços novos.
- Mudou quando virou programa Saúde e Direitos porque são chamados a outros espaços e o assunto também se ampliou, entrou gênero... Ficou grande;
- O público vem se diversificando, há escolas buscando o trabalho.

**Visão do parceiro**  
**Relação com Estado - CRT/SP**

*Entrevista com Ana Paula e Pai Celso  
(com participação de Anivaldo e Ester)*

1. Histórico:

O CRT tem como missão pensar políticas e desenvolver tecnologias de prevenção e tratamento (HIV-Aids). No caso da prevenção, trabalha orientado para grupos mais vulneráveis. O Núcleo de Atenção Básica, onde se faz a prevenção, percebeu a pauperização e a feminização da epidemia e isso criou um foco para sua atuação. A proposta da prevenção é trabalhar “DST/Aids com quem está a fim. Não queremos convencer. Tem que trabalhar e dar condições, às pessoas que querem fazer, de fazerem melhor”.

Em 2001, Pai Celso (candomblé), já vinha de uma experiência anterior de trabalho, pela Justiça e Paz, de integração religiosa. Ele participa de uma ONG chamada GVTR (Grupo de Valorização do Trabalho em Rede); com a preocupação da atenção à saúde em sua comunidade, procurou o CRT para capacitação em DST-Aids. Essa provocação acabou gerando, no CRT, a criação do GT Religiões.

*E tinha uma questão que foi discutida lá (na capacitação para os terreiros) sobre a importância da pessoa soropositiva ter a religião dela, independente da religião da família. Então tinha uma pessoa soropositiva, a mãe era da Legião de Maria e ela veio falar que continuava sendo da Legião de Maria, que o filho dela continuava no Candomblé e que isso era muito importante na vida dela, que ajudou ele a ser respeitado e que era importante essa convivência ser harmoniosa.*

O GT queria juntar serviços de ONGs, governos e religiões para construir saberes e “fazer o trabalho possível”. Mas não sabia por onde começar. Onde estão os religiosos? Onde se capacitar? Onde encontrar material com linguagem que “fale a minha língua”?

*Na Saúde, você tem o endereço das pessoas e dos serviços. Os religiosos, aonde acha? Como é que eu me capacito para falar de Aids? Onde que eu falo? Com quem eu falo? Eu não sei onde pegar material educativo, com quem eu pego? O material não fala minha linguagem, eu não me identifico com este material.*

Em 2003, Paula conhece Ester em um encontro sobre sexualidade e religiosidade e começa a parceria. Koinonia tinha um trabalho de formação voltado para pessoas que queriam trabalhar a partir de grupos locais – formação de multiplicadores, e já atuava em alguns municípios do Vale do Paraíba.

O GT foi se ampliando, com pessoas espíritas, católicas e de algumas denominações protestantes, além de gente do candomblé, à época da entrada de Koinonia.

Koinonia entra no momento em que o CRT estava preparando seu segundo seminário estadual. Este era um momento político muito especial, por causa da campanha “pecado é não usar”, referindo-se ao preservativo masculino (camisinha).

## 2. Diferencial trazido por Koinonia:

Trouxe a voz das igrejas que não se escuta  
Outro jeito de discutir Aids e Igrejas  
Ajuda a formar e abrir espaços novos  
Articulação política (“muito importante a contribuição de Koinonia nisso”, segundo Pai Celso)  
Acesso a grupos com diferentes agendas  
Ajudou o GT a responder melhor às demandas, inclusive porque traz mais gente, soma esforços (Esta é considerada uma característica do GT, no qual “todos se apóiam”)  
Possibilitou ao Estado e ao GT circular em espaços que não circulavam (por exemplo, a Jornada Ecumênica. Paula diz que ficou muito impressionada com os temas debatidos ali e com o fato do Estado (enquanto governo) não ter a menor noção disso: “o governo precisava estar ali!”)  
O material didático (“cartilha” Aids e Igrejas)  
Material de divulgação, informação e denúncia, como o Boletim Fala Egbé (distribuído pelo GVTR nos terreiros com os quais trabalha) e o Vídeo sobre Intolerância Religiosa (este gerou um seminário inteiro em Piracicaba)

## 3. A “Cartilha”

A publicação Aids e Igrejas (chamada pelo apelido de “a cartilha”) foi um ápice do trabalho do GT e da contribuição de Koinonia. O Estado, que estava buscando material, encontra a “cartilha” de Koinonia que vinha a calhar. Foram necessárias apenas algumas rervisões de ordem técnica e de dados epidemiológicos; mas, na burocracia estatal, várias instâncias do CRT tinham que aprovar e a “cartilha” passou por 14 revisões. Um processo que demorou um ano e meio. A preocupação maior é porque o estado, sendo laico, tem um “pé atrás” com tudo que fala de religiões ou igrejas.

O Estado publicou a “cartilha” com tiragem de 10 mil exemplares. A distribuição vem sendo feita vinculada sempre a uma ação. Foi feito um lançamento dirigido; houve o espaço do seminário Aids e Atenção Básica de Saúde, na qual o tema entrou na mesa de “experiências inovadoras”. Também foi enviada uma publicação para cada uma das 24 Direções Regionais do Estado.

### *Sobre o uso do material:*

A publicação trouxe maior demanda de trabalho. É considerada pelo CRT (GT Religiões) como uma “fonte de sensibilização ótima”. Expandiu a visibilidade do tema e gerou maior interesse das pessoas. Há demanda pelo material por parte de pessoas não religiosas, que querem conhecer.

### *Sobre a adesão dos profissionais de saúde e a repercussão no sistema como um todo:*

Há *dificuldades* porque os profissionais de saúde, embora possam ser religiosos, não levam a discussão para suas comunidades. Mas há procura da “cartilha” por profissionais de saúde que não necessariamente estão envolvidos em comunidades religiosas.

Na estrutura oficial de saúde, já há *avanços* em alguns lugares, onde as pessoas já são comprometidas. Com alguns municípios há diálogo direto e cotidiano (ex: Diadema).

Mas as *dificuldades* são enormes. O Programa Nacional de Aids pensou em criar um GT Religiões Nacional, mas desistiu. Há diversas iniciativas nos estados, mas pulverizadas e com formatos diferentes.

O sonho do CRT é ter cinco regiões organizadas no estado, mas isso é difícil. Há outros espaços institucionais no sistema que discutem Aids "dentro de caixinhas", como o GT/ONGs. Mas há alguns GTs que pautam os assuntos do GT Religiões (preconceito?). Há o caso do Grupo Corsa, que é uma ONG de luta contra a homofobia, que faz parte tanto do GT/ONGs como do GT Religiões.

*Potencialidades e limites do trabalho do GT, a partir da publicação:*

Precisa de mais gente

Tem potencial de multiplicação

É preciso organizar regionalmente

O debate traz outros temas adjacentes: saúde da mulher, raça e etnia, direitos etc

Encontro sobre Aids gera outros encontros sobre esses outros temas

Com a "cartilha" sendo lançada nacionalmente, pelo Ministério da Saúde, como fazer com a demanda? A proposta de Koinonia é fazer funcionar mais a Rede de Solidariedade Ecumênica (ou Evangélica? CHECAR)// Celso cita o exemplo da Rede de Saúde Afro-Brasileira, que investe em capacitação de seus membros para ocupar vários espaços: "não importa quem vai, importa o discurso, que é o mesmo".

#### 4. Reflexão sobre objetivo de aumentar a solidariedade ecumênica e sobre quebra de preconceitos

Há espaços que formalmente são ecumênicos, mas na prática, nem tanto. O GT considera que "praticamos o ecumenismo sem nomear assim. Quem entra no GT tem que ter esse espírito, senão, não fica".

Em Sorocaba, o Estado explicou pacificamente para representantes de igrejas neopentecostais o que significa "indetectável", o que foi um grande avanço.

Uma dificuldade de se tocar no assunto é, segundo Celso, porque há uma visão externa equivocada em relação às pessoas religiosas: "os religiosos não podem ter fantasmas, são seres feitos de luz".

#### 5. Relação com o Estado, do ponto de vista de Koinonia (Anivaldo Padilha):

Koinonia tinha um pé atrás. Nas redes de ONGs, as discussões eram muito utilitaristas, mais no sentido de como acessar recursos do Estado.

Koinonia definiu (6 ou 7 anos atrás) que iria assessorar os grupos locais para que estes acessem recursos públicos, e não que Koinonia o faça diretamente.

*Ganhos na relação com o Estado (CRT- GT Religiões):*

- ampliou diálogo, em SP, com o candomblé
- permitiu a Koinonia participar de um fórum mais amplo
- publicação permitiu ampliar o raio de ação de Koinonia, inclusive com igrejas com as quais não tinham relações (neopentecostais que, em geral, têm preconceito para com o ecumenismo). A publicação, ao ter o "carimbo do

Estado”, abre portas (o estado é autoridade...)

*Desafio:* publicação gera novas demandas de trabalho.

## **Programa Territórios Negros – Quilombos**

Equipe:

José Maurício, coordenador

Rosa

Ana Emília (não é parte do TN, mas atua nele)

André, coordenador contratado especificamente para o projeto do MDA (para este projeto, há uma pequena equipe contratada)

### *1. Histórico*

O Projeto começou do diálogo entre a experiência com os terreiros de candomblé e a nova temática dos quilombos. O conceito "Território Negro" ajudava a fazer uma leitura comum dos dois trabalhos. A hipótese de trabalhar com o conceito de "quilombos urbanos" para os terreiros de candomblé estava também nessa origem, quando se pensou em só programa.

(Observação: na prática, funcionam como programas separados, com estratégias, metodologias, públicos e focos temáticos distintos. Não é fácil essa leitura de um programa único; soa meio forçado.)

Quando o projeto de Koinonia começou, não havia trabalho com quilombos nem no RJ nem no ES. O projeto (hoje programa) começou como um *bureau* técnico de produção de laudos. A legislação foi mudando e hoje a identificação se faz mais na linha do auto-reconhecimento.

O programa tem uma forte vertente de produção de conhecimento e de informação/comunicação. É o que tem Boletins desde mais tempo; e, nos últimos anos, o Observatório Quilombola (portal na internet).

O Boletim TN começou sendo mais local, depois passou a ter distribuição ampla e a noticiar sobre o movimento em todo país. É distribuído no PA, MA, RS, usado pelo NAEA/PA e outras universidades, como a UFES. A base para as notícias sempre foram as denúncias dos quilombolas.

O Programa tem pelo menos duas vertentes de atuação: produção de informação (portal OQ sendo o instrumento mais abangente) e trabalho com comunidades, na base. Há um padrão de dispersão na atuação do TN; a equipe é pequena e o programa cresceu muito.

A metodologia de atuação do TN é composta por: capacitação em torno do tema quilombola; pesquisa nas comunidades, com o intuito de defesa dos direitos; colocar os grupos no circuito de informações.

Em 2005, houve, no ES, solicitação para capacitação em temas do Programa Saúde e Direitos, o que veio naturalmente a concretizar o desejo de transversalidade de Koinonia.

### 2. O caso do Espírito Santo

Há um relatório específico de Koinonia a respeito deste assunto. O relatório aprofunda mais na questão. Nesta avaliação, foram ouvidos o coordenador do programa (José Maurício), o diretor da FASE e o NAI.

De maneira muito resumida, a questão colocada é que havia, desde o início, no E.S., confrontos (discenso) com o movimento negro urbano. Esse discenso chegou às comunidades rurais e Koinonia perdeu o "timing" político. Pela distância, as viagens aconteciam somente de dois em dois meses, o que viabilizava a pesquisa, mas não o acompanhamento da dinâmica política local. Por outro lado, era uma posição de Koinonia não entrar nas dinâmicas locais em termos de assumir posição nas disputas internas.

Houve uma séria divergência com a FASE local, aparentemente por causa do atraso de Koinonia em entregar a pesquisa (que foi ambiciosa, muito extensa, geral). Mas, na leitura da equipe do programa, era uma questão de disputa por espaço. Koinonia tinha muita visibilidade por causa da pesquisa, mas, ao não intervir muito, essa visibilidade acabou sendo negativa (avaliação do coordenador do Programa).

A divergência com a FASE foi de procedimento no momento do processamento de dados. Koinonia propunha trabalhar com a UFES para dar conta do volume enorme de dados acumulados e a FASE se opôs porque a UFES recebe recursos da Aracruz Celulose. A posição de Koinonia foi vista como "elitista".

Para Ana Emília, há uma outra leitura. Koinonia sempre trabalhou com lideranças mulheres, sem premeditação, mas porque era assim, elas sempre tomavam a dianteira. Foi criado um grupo de "jovens mulheres da pesquisa", em geral moças com escolarização até o segundo grau, que faziam a conexão com mulheres mais "tradicionais". Isso criou uma forte "rede" de liderança feminina. Quando os homens quiseram retomar a liderança do processo, identificaram Koinonia com as mulheres.

### *Transversalidade com o Programa Saúde e Direitos no Espírito Santo*

Veio delas mesmas a solicitação para fazer capacitações nessa área. Isso trouxe ainda mais empoderamento e visibilidade para as lideranças femininas. As mulheres do ES foram a encontro em Salvador e a jornadas ecumênicas. Sua participação foi citada por outras mulheres entrevistadas em SP (Programa SD).

### *3. Repercussão da crise no ES para o Programa TN: algumas reflexões*

Na reunião com a equipe do TN, o coordenador colocou as seguintes considerações e propostas, a partir do aprendizado com a prática no ES:

- necessidade de dar mais atenção à formação política das lideranças que surgem ao levantar questões de terra e outras, como saúde;
- Necessidade de gerar metodologia para isso;

*Obs: essa mesma necessidade aparece no Programa TRD.*

- concentrar esforços em poucas comunidades para poder acompanhar melhor;
- para isso, definir um foco (a sugestão é que seja o sul do estado, utilizando critério de focalização programática);
- atuar em rede na região definida (ainda há pouca clareza sobre como seria essa atuação em rede, mas em princípio trata-se de colocar as comunidades

em contato umas com as outras).

*Obs: como um dos principais problemas das comunidades é justamente a comunicação, isso teria que ser enfrentado na construção da rede.*

- atuar em formação de multiplicadores, por meio de encontros e capacitações;
- continuar a produção de informação e o trabalho de monitoramento das áreas e do tema;
- manter e sofisticar a estrutura de comunicação (sobretudo o OQ);
- usar o boletim como instrumento mediador entre a produção de informação, os resultados do monitoramento e a formação de multiplicadores.

*Obs: existe a proposta de que o boletim venha a ser escrito majoritariamente pelos quilombolas. Isso ainda não acontece. Talvez se necessitasse provocações/ações específicas. Há um projeto para isso, chamado de Correspondente Quilombola, para o qual Koinonia está buscando financiamento. Em Alto da Serra, saiu uma proposta (provocação) para que Isaías escreva o relato de sua visita ao II ENA, em Recife, do qual acabou de chegar e sobre o qual manteve um diário de anotações.*

#### 4. Trabalho com as comunidades no Rio de Janeiro

A atuação local veio se focalizando em Marambaia, Preto Forro e Alto da Serra não por critérios estabelecidos ou acordados, mas naturalmente, pelo andar do trabalho. A proposta de focalizar no sul do estado, embora em princípio possa parecer excludente, pode ser, por outro lado, muito interessante para fortalecer esse trabalho que hoje parece disperso.

A comunidade de Preto Forro demonstrou, na entrevista, uma tremenda dificuldade de assimilação e de reflexão sobre o longo processo que vem vivendo e os anos de parceria com Koinonia. Demonstraram uma atitude passiva, meio desmemoriada e quase descompromissada, como se se tratasse de algo externo a eles; também solicitam um tipo de trabalho mais direto, quase como uma "tutela" (deu essa impressão). É de se perguntar o que está por trás dessa atitude. A pessoa mais interessante na entrevista, com melhor percepção de tudo, é Eliane, que nunca foi convidada para participar de encontros, reuniões, capacitações de liderança...

*(Obs: como resultado imediato do processo de avaliação, após a visita, a equipe do Programa propôs nova formatação para a segunda etapa do projeto do MDA naquela comunidade, com ênfase no resgate histórico).*

Alto da Serra está avançando bem e tem uma visão do que quer, inclusive com a continuidade do projeto do MDA, no campo da produção e comercialização. Pareceram muito mais articulados entre si e com o mundo, embora seja gritante a ausência, o vazio da associação estadual (AQUILERJ).

Já o caso de Marambaia é uma situação complicada. Com a proibição de entrar na ilha, a estratégia de Koinonia com a comunidade foi a de fazer a Campanha Marambaia Livre, que está em plena realização. A presidente da Associação demonstra mais articulação com a Arquilerj; e solicita apoio para projetos geradores de renda que possam gerar resultados imediatos.

Com o projeto do MDA, Koinonia abriu uma nova frente de trabalho com essas três comunidades e precisa pensar como dar seqüência a isso (pode ser, por exemplo, encontrando novos parceiros que assumam o tema, como o caso da Cedro).

Trabalhar com essas três comunidades não foi, parece, uma escolha planejada, mas simplesmente aconteceu. Talvez seja mesmo a hora de pensar em critérios para aproveitar mais a energia do programa, focalizando suas ações de base, como proposto pelo coordenador.

O programa tem uma metodologia de fazer pesquisa com as pessoas das comunidades, para a finalidade inclusive de laudo antropológico, que talvez fosse interessante sistematizar e comparar com outras iniciativas que formam multiplicadores nesse campo, como o PVN, da SMDDH/MA. Uma pergunta que poderia ser feita é até que ponto a capacidade fica instalada na comunidade pesquisada, ou se isso é parte dos objetivos que se quer alcançar.

##### *5. Relação com financiamentos governamentais: o projeto com o MDA e o Balcão de Direitos*

À primeira vista, o projeto com o MDA (Secretaria de Agricultura Familiar, Diretoria de ATER) parece um pouco deslocado. Visa capacitar pessoas de comunidades rurais de agricultores familiares (nesse caso, quilombolas) para produção sustentável. A sensação de deslocamento é porque isso abre um novo flanco, uma nova linha de trabalho, ligada à produção diretamente, à ocupação do território. Para o TN, surgiu como uma oportunidade; foi feito um convite a Koinonia para participar do edital.

O projeto com o MDA é basicamente de capacitação. Koinonia havia proposto capacitar orientando para a elaboração de um pequeno projeto produtivo por cada comunidade, e reservar uma parte do recurso do MDA para apoiar essa primeira experiência. Embora a proposta tivesse sido aprovada, não pôde ser executada assim – recursos para capacitação em ATER não poderiam ir para fomento de atividades produtivas. Koinonia teve que fazer mudanças no projeto e realizar somente as capacitações. Agora, a proposta é apoiar as comunidades na elaboração de seus projetos, para serem enviados ao MDA e outras fontes, e ter ainda recursos para fazer um primeiro acompanhamento da execução. Isso parece muito otimista, conhecendo os prazos governamentais para tramitação de projetos e liberação de recursos.

Para realizar o projeto MDA, o PTN contratou pessoas específicas; uma equipe do projeto, que se organizou de forma bastante interessante para fazer as oficinas e acompanhar as comunidades (oficineiros, responsáveis por comunidade e supervisores, além do coordenador geral do projeto).

O risco, no entanto, é “morrer na praia”, pela falta de garantia de que os projetinhos das comunidades sejam de fato apoiados e que a equipe contratada para o projeto do MDA possa continuar e fazer o acompanhamento.

Há algumas propostas para isso. Lúcia, agrônoma que está no projeto, pensa, no caso de Alto da Serra, que a associação local poderia estar apresentando o projeto junto com a Cedro, uma cooperativa de técnicos em agroecologia que presta serviços nessa área e que tem currículo, e junto com Koinonia, pelo histórico com a comunidade. Seria uma nova parceria para Koinonia; Lúcia considera que é

importante que Koinonia continue no processo, porque é quem tem o histórico e a confiança dos comunitários, além de maior facilidade de acesso e aprovação junto a possíveis financiadores.

O projeto tem o mesmo formato em Preto Forro e Alto da Serra, e um formato diferente em Marambaia, pela dificuldade de entrar na ilha. A proposta de trabalhar com públicos diferentes nos mesmos projetos (MDA e Balcão de Direitos) foi proposital. O PTN queria ver como funcionaria a mesma proposta em comunidades distintas. Para a segunda fase do projeto MDA, a proposta é trabalhar módulos diferenciados para cada público: na Marambaia, jovens e meio ambiente; em Preto Forro, a história, os temas de fossa e de poços, e os projetos com a prefeitura; no Alto da Serra, o tema é a produção. Em todos os casos, pretende-se focar mais nas lideranças femininas, especialmente em Preto Forro.

O coordenador do Programa avalia que não irá mais acessar essa linha de recursos do MDA por causa das dificuldades burocráticas e fiscais ao lidar com recursos do governo. Para o administrador de Koinonia, voltar a acessar esse tipo de linha de financiamento não seria problemático agora: "Eram linhas novas para Koinonia, com formatos diferentes de prestação de contas. Fomos nos capacitando e hoje não teríamos mais dificuldades". Deixa claro, no entanto, a importância de que o administrador participe desde a elaboração do projeto, para não ter depois que lidar com questões de difícil solução administrativa.

#### *Visão de Koinonia pelo MDA*

Maria Virgínia Aguiar, representando a Secretaria de Agricultura Familiar/ Diretoria de ATER do MDA, considera que Koinonia desenvolve, no trabalho com as comunidades, conceitos que são os mesmos que pautam a proposta do MDA: etnodesenvolvimento, gênero, agroecologia, agricultura sustentável, entre outros. O uso de metodologias participativas foi considerado muito positivo. "Muitas entidades não conseguem praticar isso, mas Koinonia me pareceu que tem uma prática coerente. Uma equipe muito bem preparada".

A linha de recursos acessada por Koinonia foi a do Pronaf, na Diretoria de ATER; hoje já existe linha específica para comunidades quilombolas, na Diretoria que trabalha com Etnias no MDA.

Embora a idéia original de Koinonia/PTN para o projeto – reservar parte do recurso para fomentar os projetinhos nascidos da capacitação – tenha recebido louvores por parte do MDA, não tinha como ser realizada por entraves burocráticos. Exemplo bem claro de como têm funcionado espaços interessantes de participação em políticas públicas no Governo Lula.

#### *Balcão de Direitos*

Do ponto de vista dos comunitários entrevistados, o Balcão de Direitos foi muito marcante. Foi uma parceira de Koinonia com a Secretaria de Direitos Humanos e ofereceu oficinas de capacitação em direitos, citadas por todos os entrevistados como algo importante.

Seria de considerar, para o programa, voltar a acessar essa linha de financiamento, para uma nova rodada do Balcão? Existe uma proposta de avançar na formação dos comunitários nas questões de direitos. Como isso poderia ser feito, com que formato,

que metodologia? (A proposta não é, segundo o coordenador do programa, trabalhar na linha de formação de “promotores populares”, por exemplo, da qual há experiências interessantes com comunidades negras em outras regiões do país).

#### *6. Resultados esperados X alcançados*

O programa tem avançado consistentemente em relação a seus objetivos específicos – afirmação dos direitos das CNTs (Comunidades Negras Tradicionais); fortalecimento de seu papel social, econômico e cultural com vistas à sua sustentabilidade. Os resultados esperados: posse territorial; sistema de informação; sensibilização de órgãos públicos; envolvimento das CNTs em promoções sociais, econômicas e ambientais – têm sido também alcançados, na medida da expectativa, por meio de uma série de atividades que vão além das previstas no planejamento. Seminários, encontros, relatórios, publicações, mobilizações, articulações, tudo tem sido realizado, embora com menos recursos que o previsto.

A área de produção de informação é a que tem avançado com mais destaque e o Observatório Quilombola cumpre aí um importante papel. O programa tem um forte componente de pesquisa, produção de informação e de conhecimento, e de comunicação. Tem uma aliança natural com a academia (José Maurício, André). O OQ ocupa hoje um lugar importante no cenário da informação sobre o tema e tem uma média de acesso de 850 visitas por mês (relatório do PTN). Os boletins eletrônicos do OQ circulam entre os assinantes que, por sua vez, podem funcionar como “redistribuidores”: por exemplo, em Salvador, um dos conselheiros do Projeto Egbé, Ordep Serra, redistribuiu as informações que recebe do OQ para sua lista de membros do Grupo Hermes.

Sobre as mudanças nas vidas das pessoas e comunidades, efeitos e impactos do trabalho realizado e visão do papel de Koinonia, ver entrevistas em anexo.

A saída do Programa do ES foi um baque e trouxe oportunidade de reflexão e de propostas de mudança. O trabalho de campo, como um todo, dá a impressão de acontecer de forma um tanto aleatória - diferenças entre as comunidades; projeto com MDA dando a impressão de ficar meio “solto” na estratégia geral.

#### 7. Eixos transversais, temas de interação, desafios institucionais, valores

O eixo superação da violência, entendida como violação de direitos e, neste caso, direito à terra e à identidade, é claramente verificável nas ações do Programa. Pode ser entendido sob o aspecto da violência contra os direitos das pessoas e comunidades (ênfase dos DHESC-A). Um tema que saiu espontaneamente na conversa em Alto da Serra, por exemplo, foi o do racismo e sua superação pelo conhecimentos dos direitos e das leis, gerando narrativas e reflexões no grupo. Nas entrevistas, fica clara a contribuição de Koinonia para a superação de situações de discriminação das comunidades quilombolas. A luta contra a violação de direitos é também o eixo que unifica as duas faces do Programa: quilombos e terreiros.

Já ecumenismo não é tratado neste programa como eixo transversal aparente; pode-se entender o trabalho como “presença e serviço”, porém não há a explicitação da questão ecumênica como tal. Há o depoimento de Isaiás (Alto da Serra) sobre sua participação em uma Jornada Ecumênica. O distanciamento do PTN em relação a esse eixo transversal já foi diagnosticado pela equipe do programa e pelo NAI, embora ainda não se tenha conseguido superar o descompasso.

Quanto aos temas de interação programática (aids, juventude, diálogo inter-religioso e relações de gênero), apenas o início de trabalho conjunto com o PSD na questão de gênero e direitos reprodutivos das mulheres aparece nas entrevistas e relatórios. A questão foi trabalhada somente enquanto formação para mulheres (o que não é exatamente o conceito de gênero). Há presença jovens nas associações comunitárias, mas não se identifica uma estratégia clara para esse segmento. Fica o *desafio* de pensar em maior interação com o PTRD, quem sabe experimentando formatos de ações culturais para a juventude como mobilizadores também nas comunidades quilombolas... O tema diálogo inter-religioso tampouco entra no universo do PTN. Os encontros promovidos por Koinonia (jornadas, assembléias, encontro das mulheres...) são espaços privilegiados para essa interação, citados como algo importante pelas pessoas que puderam participar desses momentos.

Dos valores - ecumenismo, ética de solidariedade e direitos humanos -, percebe-se claramente a abordagem dos direitos; o compromisso com os grupos locais (ética de solidariedade) que, em último caso, leva inclusive a entender a saída do programa do ES (não disputar espaço como ator, mas apenas estar prestando um serviço). O tema do ecumenismo, tão identificador de Koinonia, não tem visibilidade como tal nas ações do Programa.

Sobre os desafios institucionais (relações de gênero e formação): o programa criou uma equipe provisória específica para tratar do tema específico do projeto com o MDA (área de formação específica). Gênero precisa ser trabalhado e está na ordem do dia com a avaliação específica contratada por Koinonia. Poderia ser uma questão, ao se colocar o desafio institucional de formação, em que temas os programas podem ser formadores uns dos outros, e em que grau se necessita isso para que se fale uma linguagem mais homogênea entre todos. O PTN Quilombos é, de todos, o programa menos à vontade para falar de ecumenismo, juventude ou gênero, por exemplo; e um dos que têm maior contribuição sobre o tratamento e veiculação organizada de informações (veja-se Portal OQ). Talvez isso tenha a ver com a forma como nasceu o programa e como é conduzido, sem ter vindo da origem de Koinonia (ainda CEDI), mas ter surgido depois. O PTN se ressentido de aspectos que estão presentes em outros programas de Koinonia, como o "enraizamento" do trabalho nas comunidades.

#### *8. Mudanças ocorridas a partir do Planejamento Estratégico – de projeto para programa*

Opinião da equipe:

- Não mudou muita coisa em termos organizacionais, mas programas têm mais autonomia;
- Tentativa de desconcentrar as tomadas de decisão e tarefas na equipe (há níveis de autonomia, mas ainda há concentração);
- A transversalidade com mulheres e jovens aconteceu rapidamente, sobretudo no ES, de forma quase natural;
- Com o programa SD, já houve a iniciativa no ES;

(Obs: que gerou uma sensação de perda grande para Ester)

- Com o SubMédio, ainda não acontece intercâmbio, mas já há idéias a respeito.

*Obs: no SubMédio há também a questão de direito à terra; atualmente, está emergindo com força a questão de disputa entre assentados e indígenas (considerados dentro da categoria "populações tradicionais", assim como os quilombolas...). Pólo solicita assessoria de Koinonia para tratar desse assunto.*

### *9. Relação com o Egbé (terreiros) e com demais programas*

O diálogo ou a interface com o Programa Egbé, embora exista conceitualmente, não parece acontecer na prática. Seria de se pensar como trabalhar, na prática, esse conceito de Territórios Negros englobando quilombos e terreiros; como aproximar mais esses dois programas no que têm de comum. São dois boletins; estratégias de ação, temas e públicos distintos; abordagem metodológica distinta; financiamentos de fontes distintas... São de fato dois programas colados quase que artificialmente. O que unifica é a luta pelos direitos territoriais (no caso do Egbé, usucapião, isenção de IPTU...) e o trabalho de organização em associações para lutar por esses direitos. Mas ainda assim a unidade temática não aparece, talvez porque o que distingue prioritariamente o projeto Egbé, sua marca de identidade, seja a luta contra a intolerância religiosa e a promoção do diálogo inter-religioso. E a identidade do TN Quilombos é claramente a luta pelo reconhecimento do direito à terra. Mas as metodologias de trabalho, que é talvez onde as intenções ficam mais claras e os conceitos se materializam em práticas, são muito distintas.

Por outro lado, o programa parece correr muito paralelo e independente dos outros temas e programas de Koinonia. A única interface foi com SD, no ES, e terminou como uma "perda" para o Programa SD.

Dos parceiros internacionais de Koinonia entrevistados para esta avaliação, apenas Julia Ester citou o trabalho com quilombos como identificador da atuação de Koinonia.

Visão do público direto:

As comunidades de Marambaia, Preto Forro e Alto da Serra

*Reunião com moradores de Marambaia, na sede de Koinonia: Lino (da Arquilerj); Naná (conselheiro e primeiro presidente da Arquimar); Zé (morador e associado); Vânia (atual presidente da Arquimar).*

*Participou também Rosa, da equipe de Koinonia.*

*"Nosso trabalho é quase impossível. A gente é que é madeira de dar em doido, pau de cerne".*

#### Situação atual:

- pessoal está muito desencantado já, e está difícil segurar a mobilização, porque demora muito a sair o resultado do trabalho, e a Marinha vai solapando;
- Marinha usa sistema de boatos para confundir.
- Koinonia está impedida de entrar, pela Marinha.

*"Eles querem a ilha limpa – abre aspas – dentro do que eu acho que eles pensam, que nós lá somos a sujeira para eles, então eles querem a ilha limpa para que eles, aí sim, usufruam daquele paraíso..."*

#### Relação com Koinonia:

- Koinonia nos apoiou muito e apóia até hoje
- Começou com o reconhecimento da comunidade, logo no início, depois veio até a fazer o cadastramento das pessoas, dos moradores, aí fizeram lá uma equipe boa, da Koinonia e pessoas do Espírito Santo
- Desse cadastramento, veio o laudo
- Quem mais tem dado força à comunidade lá, é Koinonia. Ela está *sempre presente*
- Somos uma comunidade blindada pela Marinha, isolada. Se nós não tivermos um ponto de apoio fora daquela comunidade, fica difícil de divulgar. Essa base que a gente tem aqui na Koinonia, realmente vem sendo *fundamental para a gente*, desde o início da luta.
- *As ações de Koinonia foram de uma importância muito grande, porque nós não sabíamos de nada desse processo.* E o que aconteceu? Koinonia virou o inimigo número 1, muito importante para a Marinha.

#### Dificuldades e desafios:

- Se Koinonia *entrasse na ilha* seria melhor, teriam contato com outras pessoas
- O povo ainda fica assim, não sabe para que lado vai
- Seria importante Koinonia *trabalhar com aqueles que ainda não estão convencidos, conscientizados*
- Só restou Koinonia. Restou não, porque também começou com Koinonia. *Começou com Koinonia e Koinonia continua.* Se Koinonia não continuar ajudando a gente a bater de frente, acabou! Nós não vamos ter como continuar a pôr o povo lá dentro.

- Marinha mudou sua estratégia e criou cooperativa de prestadora de serviços para cooptar pessoas
- Estratégia da Marinha de fomentar outras organizações (como a cooperativa) para dividir, porque as pessoas pensam no carreamento de recursos

*Proposta: Koinonia precisa insistir em entrar na ilha para que seja negado oficialmente e então se crie um fato para que se possa brigar, denunciar. Não deve desistir porque essa é a estratégia da Marinha; e não fica registrado em lugar nenhum que houve esse impedimento.*

- *Comunicação* é um problema. Só celular e assim mesmo há perigo de ser "grampeado". Ficam isolados da coordenação nacional e tudo o mais.

*"O isolamento é o pior inimigo"*

### O que foi mais significativo ou marcante:

Lino: Foi que o processo da minha mãe, de reivindicação de posse, foi julgado à revelia, ignorando que ela é analfabeta, passando por cima de tudo isso. E eu cheguei à conclusão de que tinha que fazer alguma coisa, mas de maneira positiva, porque eu sabia que lutar, pagar advogado, sozinho, para defender uma causa que lá não ia dar em nada. Então o que me conscientizou de que a Marinha ia tirar todo mundo, com certeza, foi isso. E houve também muito seminário, ouvi muitas pessoas de outras comunidades falarem como é feito, como se enfraquece um grupo.

Zé: Existia um certo medo. Através da Koinonia, a gente passou a conhecer essas coisas e como lidar com eles (policiais, pessoal da Marinha), como conversar com eles, como chegar até eles. Era um medo que a gente tinha. No meu caso, era um medo que eu tinha. *Hoje em dia não tenho medo.* Hoje já sei chegar e conversar com eles. Se eles falarem uma coisa para mim, eu falo outra para eles. Não vou xingar eles, mas, dentro do meu direito, eu vou falar para eles.

Vania: *A gente ficou sabendo de leis.* E ainda assim é muito pouco. O que a gente sabe é pouco. A sede de *conhecimento é importante* no ser humano. Ela é notável. Infelizmente, o governo não sabe aproveitar isso. A vontade de conhecer, de saber tanto quanto aquele que está ali falando, isso daí é a forma mais fácil de se cooptar. É você mostrar que sabe.

### O que precisa melhorar:

- *ter mais conhecimento*
- eu acho que a gente tem que ter *mais prática e menos teoria*. No ponto em que chegamos a gente já precisa ver alguma coisa acontecer. A comunidade é imediatista.

*"Se a questão da complicação da Marinha é oferecer meios para que as pessoas tenham um pouquinho do conforto que elas sonham, como estão fazendo agora, será que não tem ninguém que também possa nos ajudar dessa forma, de levar para a comunidade: olha, fulano, esse trabalho aqui te rende tanto, você tem esse tanto aqui para trabalhar, você vai começar..."*

- Houve poucas oportunidades de *intercâmbio*. Não deveríamos contar só com Koinonia, a comunidade mesma poderia promover, mas é difícil, para nós. Precisamos trazer exemplos concretos para dentro da comunidade.
- Precisamos de mais intercâmbio, não para nosso grupo aqui, mas para nossa

gente.

*"Nós vivemos sem exemplo nenhum, vai Koinonia, fala, vai qualquer um outro visitante e fala, mas muitos de nós não conseguem alcançar aquilo, não conseguem sequer imaginar aquilo. A gente não consegue encaixar a novidade que a pessoa está contando, a gente precisa sair para ver. Também precisa que esse alguém vá até a nossa comunidade para a gente ver que existe, que é isso que fulano de tal estava falando. Nós viramos São Tomé. Fomos ao Alto da Serra, vimos os criadores, estivemos com eles, mas não vimos eles trabalhando, não vimos eles no dia a dia, não vimos como eles fazem, nós não temos essa experiência. Se a gente não puder ir sozinhos, pelo menos Koinonia mostrou um caminho. Agora, a gente também pode pedir ajuda a Koinonia para ver essa gente trabalhando, ver eles se organizando, ver como é que funciona isso".*

- ARQUILERJ precisa ainda se fortalecer. Nós somos a Arquilerj...

#### O que foi mais positivo:

- Participamos de várias reuniões, com Koinonia, que *abriram portas*
- Foi aqui a primeira vez que tivemos a oportunidade de conhecer o Dr. Daniel Sarmiento. O *contato com o MP* tem nos mantido de pé. Dr. Daniel tirou uma cortina e nos ensinou a levantar nossa bandeira; nos tirou do anonimato. Explicou sobre os direitos que pensávamos que não tínhamos, como de fazer uma reunião, de fazer associação. Pensávamos que o governo era a Marinha, hoje vemos que não é assim.

*"O abuso de poder é demais. E a gente não tem mais aonde reclamar. A quem a gente vai dar queixa disso? Como nós vamos ter os nossos direitos garantidos?"*

- Participação e conhecimento do movimento quilombola nacional: fomos a Brasília, inserimos dados de Marambaia no levantamento nacional. Passamos a conhecer quem tinha mais experiência, como ARQMO, ACONERUQ.

#### O que mudou:

- Estamos *nos formando no processo*. Aqueles que só esperam resultados estão sem aprender.
- Avançamos em relação a 4 anos atrás. *Já não somos tão frágeis*, já temos alguma força, uma *associação* que tem personalidade jurídica.
- Hoje *somos respeitados*. Antes, levavam a gente para o "baléu" (cadeia) por qualquer coisa, hoje já não fazem isso.
- Hoje há uma diferença muito grande mesmo, porque há pouco tempo atrás, a Marinha cooptava nós todos – todos! – hoje ela ainda consegue a minoria. Nós aprendemos muito, muito!

#### Aprendizados da Campanha Marambaia Livre:

- *A mídia não deu o resultado que a gente esperava* e que Koinonia também esperava. A mídia ficou muito omissa, aquele negócio da gente divulgar, fazer uma campanha até bem pacífica, mas com visibilidade, não foi alcançado.
- Temos que procurar outro local, para ter mais visibilidade, porque ali a Marinha manda.
- A gente *adquiriu experiência*. Para mim, foi um trabalho excelente. A gente

vai vendo que a gente pode, que tem capacidade...

#### Juventude:

- precisa ser mais trabalhado; há grupo de jovens na igreja.

*"Tem até um garoto nessa atual juventude que vem se demonstrando muito inteligente, capta as coisas muito rápido, sendo que, no início, ele não participou, porque a família dele é totalmente contra a participação, achava que aquilo ali era uma afronta à Marinha mesmo, e hoje, quando ele participa, ele é hiper-importante, participa bem, anota as coisas, faz relatórios, sendo que era um desperdício".*

Observação: poderia se pensar em um trabalho com a metodologia de animador cultural jovem do Programa TRD? Investir em cultura, video-clube, esporte?

#### Parcerias que se abriram:

- Palmares; Incra; MP; Core (Centro pelo Direito à Moradia e Contra o despejo), advogadas; iniciando com a FASE.

Obs: ver comentário do diretor executivo da FASE

- A partir da campanha, uma organização local GEDASE, de Itacuruçá, quis se engajar (a partir do OQ).

Oportunidade: aproveitar a abertura da GEDASE e ver se pode ajudar na questão da comunicação, ter acesso a internet, telefone para recados, capacitar pessoas para uso de computador

#### Boletim TN e acesso a meios de comunicação:

- Boletim é lido e gera comentários; é distribuído também para pessoas da comunidade que estão fora, no Rio; distribuído pelas escolas da região e professores, sobretudo os que estão na faculdade, procuram muito.
- Contato com Radiobrás, CBN, Rádio Tupi
- Uma pessoa da comunidade que se cadastrou para receber boletim semanal do OQ

#### Importância dos encontros com outros quilombolas:

*"Uma coisa assim que até nos conforta, é saber que a luta deles é igual à nossa. A dificuldade para se posicionar enquanto cidadão é terrível, é a mesma coisa! A luta deles é tão grande quanto a nossa. Eles não são respeitados, alguns também fazem um esforço enorme para provar que existem, como nós fazemos. Então a gente descobriu que dentro desse Brasil, que a gente achava que éramos os últimos, nós não somos os últimos. Nós somos mais uns. Isso aí é que nos mantém. Por isso é importante a gente estar junto. Quando a gente vê os outros e vê até onde eles evoluíram, e que a gente procura saber e eles falam quando começaram e como começaram. E a gente vê que começou há bem pouco tempo. Eles estão na luta há mais tempo e a gente está ali, juntinho com eles".*

Retrato de Marambaia por um filho expulso

*Pessoas que a gente via ativas, quando a gente chegava lá, perguntavam pelo sitio, batiam papo, iam de canoa, pescavam, hoje quando a gente passa lá sente assim uma tristeza nos olhos deles, aí bate e fala "oi", e aí estão lá limpando o quintal do sargento... e dá uma tristeza funda, porque estávamos acostumados a chegar lá, fazer churrasco de peixe, com aquele papo, Naná toca violão, ia tudo para a seresta. Depois você passa, vê aquelas pessoas assim... é uma política que eles implantaram, botar o cara para limpar... o cara tem um dinheiro certo, mas não tem aquela expectativa de pegar um cardume...*

*Reunião em Preto Forro:*

*Participaram quatro homens (inclusive o presidente da Associação) e quatro mulheres, sendo uma delas bem jovem.*

*Da equipe de Koinonia/Projeto MDA: André*

#### Histórico:

Foi difícil “puxar pela memória” das pessoas de Preto Forro. Não se lembravam de nada. Com dificuldade, falaram em alguns nomes e fatos, sem conectar muito as coisas. De qualquer maneira, afirmaram que o contato com Koinonia é “muito antigo” (?).

Sua luta começou há uns 15 anos atrás, mas a coisa só andou depois do reconhecimento (como remanescentes de quilombo). *Foi Koinonia que trouxe essa informação para nós.*

*Koinonia vinha perguntando pela história, fez muitas oficinas, perguntava quem são os avós, os bisavós...*

*Sair do (âmbito) estadual para o federal foi o que valeu.*

Há expectativa de que a titulação saia ainda este ano.

#### O que marcou mais:

- *Balcão de Direitos: fui reconhecer a minha origem. A gente não sabia nem por onde andar. Nos ensinou a saber onde pisar. Ali é que fomos reconhecidos. (Eliane)*
- *Ilzo: fala sobre meio ambiente, informações sobre água, poço, lixo... Descobriu que pode fazer uma parte.*
- *A história do nome: antes, aqui era conhecido por Sítio Dois Irmãos, nome dado pelo grileiro; hoje é área de remanescente de quilombo preto forro.*

*Na Caixa Econômica, coloquei minha localidade como Preto Forro e a moça se interessou, achou bonito, perguntou onde tinha informação sobre nós. Falei que eu podia buscar na internet.*

*Outro dia, numa viagem, uma moça gritou: não entra nesse ônibus aí que é dos Preto Forro! E ri. Eu antes também não sabia o que era esse nome e iria rir. Mas agora expliquei para ela o que significa, que forro é de alforria.*

#### O que mudou:

- *Antes era desânimo total, ninguém sabia nada. Mudou tudo.*
- *Agora a associação já está sendo criada (com dificuldades com o cartório). Afirmam que a associação é importante para garantir o território, para ter representação.*
- *Antes, qualquer coisa que o grileiro faia, a gente não tinha onde correr. Hoje temos encaminhamento até em Brasília;*
- *Mudou o comportamento dos outros conosco, mudou para melhor. Por exemplo, a gente ia toda hora na delegacia por queixa do grileiro, isso mudou.*
- *Levantamento trouxe novidade sobre nossa história; íamos morrer sem*

saber...

*Agora a história nunca vai ser esquecida porque vai estar no papel, tem registro*

Obs: perguntei onde estava a história escrita, se contavam essa história para as crianças, mas ninguém parecia ter domínio do assunto.

#### Intercâmbios:

- Teve *troca de experiências* com Alto da Serra e Marambaia.
- Importante conhecer os demais porque se vê que há outros na mesma situação, não são os únicos. E há gente com problema maior (Marambaia).
- Mostra que o problema de nem todos participarem é comum a todas as comunidades.

*A luta deles está fortalecendo muito a gente. Se eles não desistem, por que nós vamos desistir?*

#### Acesso a informação/articulação:

- sabem que existe organização nacional, mas muito de longe
- dizem que o informativo de koinonia não chega porque há dificuldade de entrega de material pelo correio (!!!)
- dizem também que Koinonia traz "livros, materiais, e deixa com a gente" (não há uso de nada disso, claramente)
- não conseguiam se lembrar da Arquilerj nem ligar a figura de Ronaldo com o nome e muito menos com a Arquilerj. Não participam.

#### Projeto MDA:

- Não entendiam direito o que foi, disseram que foi sobre direitos, não tinham clareza sobre a próxima etapa.
- Ficou uma idéia de usar mão de obra local para fazer poço, fossa, estrada, manilhamento, de maneira a gerar renda.
- Também a idéia de buscar apoio do governo (citaram algumas cestas básicas distribuídas pelo Incra)

#### Dificuldades:

- "de guardar na cabeça – pouca leitura..."

#### O que podia melhorar:

- estão preocupados porque o grileiro entrou com contestação depois do prazo e não entendem o que está ocorrendo;
- há dificuldade de comunicação com o Incra e na própria comunidade, para "fazer correr a notícia";
- "deveria ter uma pessoa do Incra direto trabalhando com a gente"
- "precisamos de alguém para nos ajudar com o cartório"
- assuntos das oficinas ficaram meio no ar, deveriam voltar neles;

#### Avaliação de Koinonia:

- nos ensinou o caminho até aqui e passou para o Incra
- com o apoio de Koinonia, começamos a correr atrás de nosso direitos e fomos reconhecidos
- contato com Dr. Daniel Sarmiento, Lúcia (defensora pública)
- vieram depois Incra e F. Palmares...

### *Reunião em Alto da Serra:*

*Presentes quinze pessoas da comunidade, sendo sete mulheres e oito homens. Ao longo da reunião, chegaram mais pessoas.*

*Da equipe de Koinonia/Projeto MDA: Lúcia e Henrique*

Alto da Serra, bela paisagem, famílias reunidas saindo da Igreja (Evangélica), casa familiar grande, com fogão de lenha, uma varanda boa para reuniões, bancos trazidos da igreja. Tudo organizado e as pessoas participando com gosto. Abertura feita solenemente por Isaías, com livro de ata e lista de presença e tudo o mais.

### Histórico e relação com Koinonia:

- Trabalho começou há três anos
- 1o. projeto: final de 2003
- K trouxe esclarecimento sobre como se organizar para a luta pela terra
- Luta de seis anos contra os grileiros; artigo 68, MP "iluminando a gente"
- ITERJ, Fundação Palmares e Emater (parcerias em níveis e momentos diversos)
- "Tudo foi com ajuda de Koinonia"
- Próximo passo é o laudo antropológico

### O que mudou:

- afastamento do grileiro e do *conflito* (peso do MP ajudou frente ao juiz local/ "tinha a justiça do Rio e a Federal, não só a de Rio Claro");
- Conhecimento dos *direitos*
- *Reconhecimento* da comunidade pelo público externo. "Hoje somos chamados e reconhecidos. Passamos de invasores a comunidade de quilombolas".
- *Conhecimento* sobre meio ambiente, sobre associação. "Nós era completamente apagado. A mente foi abrindo..."
- Aprender a trabalhar com *associação* (têm uma de Trabalhadores Rurais e estão criando outra de Remanescentes de Quilombo – a primeira é aberta a todos, a segunda é só para quem está na luta pela terra).
- Comportamento da sociedade envolvente: as pessoas da cidade passaram a tratar diferente; ganharam mais respeito no seu próprio lugar
- Hoje grileiro não vai mais procurar a polícia por qualquer roçado que fazem
- Fórum da cidade também mudou o comportamento, depois da visita do MP
- Pessoas negras não tinham lugar; perderam agora o medo, ficaram com seu valor assegurado
- Eles também mudaram a maneira de agir: de igual para igual
- "Koinonia deixou a gente sem vergonha de falar, de agir..."

Exemplo de mudança: deixar de ser convocado na delegacia, como Sr. Dito era, toda hora, para ser convidado na Prefeitura ou na Câmara dos Vereadores para participar de eventos. *É uma mudança grande, né?*

### O que marcou mais:

- Balcão de Direitos: o que é remanescente de quilombo, como fazer, onde recorrer
- Visitas a outras comunidades
- "O mais marcante foi o reconhecimento. A gente era quilombola e não sabia".

- Conhecer o artigo 68.

#### Sobre intercâmbios e articulações:

- Encontro é dez, é a melhor parte
- Dona Nide (de Preto Forro) toda semana sonha que está tomando banho aqui
- Marambaia: Eu não queria nem voltar. Lá deve ter antepassado nosso; não era lugar de engordar escravo?
- Serve para compartilhar, uns dão força pros outros
- Dá alegria para as pessoas
- Fazem amizades
- Vêem que a luta quilombola é a mesma
- II ENA: "a família aumenta"; existem pessoas curiosas no campo rural, pessoas que imaginam coisas e fazem; percebi que aqui temos água com facilidade.
- Curso em SP: "foi o mais importante da minha luta, conhecer quilombolas de outras partes do Brasil. Eu antes não conhecia a história dos quilombolas. Ali, vi que tinha que seguir". (Isaías)
- Jornada Ecumênica: religiões diferentes, conversaram sobre as diferenças; encontrou outros quilombolas lá.
- Arquilerj: ainda não participam ativamente

#### Sobre racismo:

- foram criados com racismo. Seu dito ficava horas na delegacia, perdia dias; ia a pé enquanto os outros empregados iam a cavalo...
- não se falava na Constituição, no direito do negro
- às vezes a gente recebe agravo e não sabe como reagir
- hoje quem tem conhecimento da lei já não faz tanto agravo, se cuida mais

#### Projeto MDA:

- lembraram oficinas de direitos, modos de produção, políticas públicas, cuidado do meio ambiente, como trabalhar a terra
- cartaz sobre a produção (feito na oficina) deu visibilidade ao tanto que se produz no local. Tudo somado, era muito!
- Material produzido na oficina serve para valorizar nosso trabalho

#### Perspectivas:

- No processo de titulação da terra, Koinonia pode ajudar mais?
- Projeto MDA:
  - Entrar no mercado de trabalho
  - Meta: englobar toda a comunidade em trabalho produtivo com queijo
  - Deixar de vender o queijo nas costas

Começamos a pensar nisso a partir do trabalho com Koinonia. Antes, não tínhamos nem o conhecimento...

#### Informativo TN:

- saem fotos e destaques da comunidade

- ficam sabendo de outras comunidades
- "o boletim é de aproveitamento"

Obs: vi exemplares do boletim circulando entre as pessoas, na reunião

Comunicação:

- hoje, perto daqui já tem internet
- tem telefone

O que pode melhorar:

- temos que estar preparados para trabalhar nesse campo quilombola
- precisamos mais conhecimento (para a comunidade toda)

## *Programa Egbé – Terreiros de Candomblé*

*Este programa foi objeto de avaliação de impacto solicitada pela Christian Aid em 2005. Este estudo foi realizado pela mesma consultora que realiza, em 2006, a avaliação programática. Por isso, foi feita apenas uma atualização da avaliação realizada no ano anterior. O texto completo do estudo de impacto está disponível em Koinonia. O que apresentamos a seguir são trechos daquele estudo, com a atualização necessária.*

Este projeto nasce ainda antes da existência formal de Koinonia, nos tempos do CEDI, quando, em 1992-93, foi promovido um primeiro encontro de diálogo inter-religioso entre cristãos e pessoas de candomblé. O programa iniciou trabalhando com 20 terreiros e hoje a lista está em 124 casas ou terreiros de candomblé<sup>1</sup>, situados na região metropolitana de Salvador, uns bem no miolo da cidade, outros nas periferias e nos municípios vizinhos, e alguns em outras cidades da Bahia.

### *Resultados e impactos*

Um primeiro impacto é a colocação do debate sobre intolerância religiosa para os terreiros e para a sociedade em geral e a apropriação do conceito pelos terreiros. “O termo foi criado por Koinonia, esse conceito foi cunhado em torno da questão de Mãe Gilda<sup>2</sup>. Hoje, os terreiros sabem o que é intolerância religiosa” (Rafael). “As pessoas são agredidas, difamadas... Como acionar a lei, se você é pobre e não sabe nem que tem o direito?” (Ordep Serra, membro do Conselho do Egbé em Salvador, antropólogo, atual Pró Reitor de Extensão da UFBA). “Fundamental é esse apoio na luta contra a intolerância religiosa. (...) Outras instituições não toparam garantir essa luta, ficaram com medo da Universal, aí Koinonia teve a coragem e o peito de apoiar o terreiro e essa vitória em duas instâncias é importante. Eu tenho muita honra e muito orgulho em fazer parte do Conselho por causa do meu respeito por Koinonia e por esse programa Egbé”. (Normando, membro do Conselho do Egbé, assessor da Secretária Estadual de Educação e ogã).

Na área do diálogo inter-religioso, o diálogo intracandomblé avançou, mas o diálogo com cristãos ainda tem que avançar e a difusão dos temas, também. Para Ordep, “o Egbé é um dos poucos espaços que existem de diálogo entre cristãos e candomblecistas”. Normando destaca como primeiro impacto positivo do projeto a integração entre terreiros de diversas nações e a discussão e difusão<sup>3</sup> de temas que permitem mudar visões distorcidas sobre o candomblé.

O Egbé tem puxado o conceito de terreiros de candomblé como territórios negros. Em Salvador, onde “o latifúndio urbano é escandaloso e o pessoal pobre paga arrendamento para viver” (Ordep), enfrentar a questão da garantia territorial desses terreiros é, segundo Rafael, “uma conversa sobre fragilidade”. Ele considera que a ação de Koinonia é ainda incipiente nesse campo, mas que “entrar de frente seria tutela”. No entanto, o apoio jurídico para garantir posse, propriedade e alguns

---

<sup>1</sup> Fonte: boletim Fala Egbé número 7, de agosto de 2005

<sup>2</sup> Trata-se de um processo movido contra a Igreja Universal do Reino de Deus e à sua gráfica, pelo uso indevido da imagem de uma mãe de santo (Mãe Gilda), que veio a falecer em consequência disso. Koinonia apoiou o terreiro no processo que já foi vitorioso em duas instâncias.

<sup>3</sup> Cita especificamente o livro Candomblé Diálogos Fraternos

direitos, como isenção do IPTU – a constituição brasileira isenta todos os templos religiosos do pagamento desse tipo de taxa – é uma ação pioneira. “O Egbé está demonstrando para a prefeitura o que é direito daquelas comunidades” (Ordep).

Normando destaca que, na sociedade em que vivemos, é fundamental lidar com os aspectos formais e por isso o apoio do Egbé para a criação de associações, regularização fundiária e imunidade de IPTU é tão importante. Ordep: “Associações populares são cruciais, sejam quais forem, porque, onde não existem, os tecidos sociais se esgarça e vem alguma coisa no lugar – crime organizado, partido político corrupto...” Nessa linha de análise, Ordep valoriza esse aspecto do trabalho do Egbé, porque “criar uma associação é muito complicado, os cartórios são tirânicos e antidemocráticos, não abrem espaço para as formas populares. O direito de associação, na prática, é negado aos pobres”.

Um aspecto dos impactos do trabalho do Egbé tem a ver com as pessoas, suas vidas, as mudanças que percebem, as melhorias para os terreiros. O público beneficiário foi enfático sobre isso, tanto nas oficinas como nas visitas a terreiros e entrevistas feitas no almoço de Koinonia em agosto deste ano. Esses impactos têm a ver com cidadania e auto-estima, com ampliação de conhecimento e afirmação de identidade; com uma nova forma de se colocar no mundo e de se entender para si mesmo, para os “irmãos do axé” e para fora do mundo do candomblé.

No entanto, é um trabalho que não se completa para dentro de si mesmo – precisa da visibilidade externa e do impacto em outras esferas. Precisa criar mudanças em outros setores, já que o pressuposto inicial, expresso no objetivo superior de Koinonia, é mobilizar a solidariedade ecumênica, além de prestar serviços a grupos tornados vulneráveis; e é também promover o movimento ecumênico e seus valores libertários. Trata-se de lutar por direitos, por espaços menos desiguais e, portanto, é sempre uma conversa de pelo menos dois lados.

Os impactos do trabalho do Egbé teriam, portanto, que ser examinados em relação a políticas públicas – o que mudou nessas políticas? –, ao diálogo inter-religioso e ao ecumenismo.

Fica evidente que muita coisa mudou, do ponto de vista dos beneficiários, e que algumas dessas mudanças começam a ganhar espaços sobre políticas públicas e inserção no debate social maior. No entanto, como se trata de mudanças de comportamento social, muitos outros fatores também interferem; há evidências claras do pioneirismo e da importância do trabalho de Koinonia nessas mudanças, embora não seja o único vetor.

Os ganhos de processos de usucapião e de isenção de IPTU, por exemplo, embora criem precedentes, não foram automaticamente encampados como benefícios para todos. Setores da prefeitura querem avançar nessa linha e enfrentam dificuldades administrativo-burocráticas e políticas para isso, mas buscam aliança com Koinonia e espelham-se em seu exemplo. O Ministério Público por si só não tomou a iniciativa de interpelar o poder público sobre esses direitos; e essa é uma provocação que Koinonia, com o conjunto de terreiros que assiste, pretende fazer ainda este ano. As coisas avançam, as mudanças nas políticas públicas acontecem, embora de forma lenta e ainda embrionária.

Uma grande mudança é a instalação aberta do debate sobre intolerância religiosa na sociedade, tendo como foco a questão das agressões feitas ao candomblé por

setores das igrejas neopentecostais - uma realidade oculta e desconhecida da maioria da população, uma dessas coisas "invisíveis". O debate social sobre o tema é hoje um fato; espaços de visibilidade têm se aberto e isso pode significar passos na mudança de mentalidade, na redução do preconceito e na prática da paz. São, no entanto, processos lentos e que vão à contra-mão de grandes poderes. As vitórias de alguns desses processos instalados juridicamente<sup>4</sup> têm um profundo significado para o povo de santo e para a sociedade em geral. Seria interessante observar que tipo de nova jurisprudência esses processos estão inaugurando e o que isso tem significado para o Ministério Público<sup>5</sup> e para o poder judiciário, especialmente em uma cidade e um estado (Salvador, Bahia) com muitas desigualdades sociais e dominação histórica de políticos de direita, que sempre tiveram um discurso de aproximação populista com o candomblé, mas que nunca criaram políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de vida dessas comunidades e para a garantia de seus direitos.

No campo do movimento ecumênico, o trabalho de Koinonia com os terreiros tem aberto espaços para que o diálogo entre cristãos e candomblé possa acontecer. Não é uma coisa fácil porque há entendimentos muito diversificados sobre o escopo do ecumenismo; mas há avanços, algo já mudou nesses últimos dez anos e Koinonia tem contribuído para essa mudança. Os **parceiros internacionais de Koinonia** entrevistados enfatizam muito o trabalho da instituição na área do ecumenismo e, particularmente, no esforço de diálogo inter-religioso com os terreiros de candomblé.

A assistência jurídica que o Egbé oferece é hoje prestada pelo grupo de advogados da AATR – Associação de Advogados dos Trabalhadores Rurais/BA, um grupo de assessoria a movimentos populares. O convênio com a AATR parece ter sido um acerto e vem na mesma tendência de vários outros grupos e organizações do movimento popular, que também têm buscado acessar esse tipo de assessoria especializada. A demanda ao Egbé tem crescido e tende a crescer mais e esse é um ponto onde facilmente se pode visualizar um gargalo operacional futuro. Com os recursos humanos e materiais de que dispõe, até que ponto Egbé pode continuar ampliando a oferta dos serviços?

#### Mudanças significativas percebidas por atores externos

A Secretaria Municipal de Reparação está buscando uma parceria formal com Koinonia, cujo trabalho respeita, para construção de políticas de reparação para os terreiros.

Ailton dos Santos, Sub-secretário Municipal de Articulação e Promoção da Cidadania/Coordenação de Ações de Descentralização Regional e Ogã do Terreiro de Oxumarê, diz que a regularização fundiária assumida pelo Estado Brasileiro é importante porque significa o reconhecimento do problema. "Koinonia é respeitado e traz este problema, amplia, dá repercussão. É um parceiro para o despertar tanto do poder público quanto do povo de terreiro". Não só a questão fundiária, mas todo o trabalho para garantir, na estrutura formal, os direitos dessas comunidades: "a maioria do povo de terreiro não dialoga com as estruturas de poder. São marcados

---

<sup>4</sup> O mais conhecido é o processo contra a Universal pelo caso de Mãe Gilda; há também outros, como o processo contra o Museu Estácio de Lima, o da agressão ao Terreiro de São Roque...

<sup>5</sup> Tentei em vão uma entrevista com o promotor Livaldo Ramos do Ministério Público da Bahia; enviei perguntas por e-mail, tentei via telefone, fui ao MP, mas não consegui falar com ele para verificar esse aspecto dos impactos do trabalho de Koinonia.

pela oralidade. As igrejas são ocidentais, cartoriais. Os terreiros nem sequer estão no catálogo telefônico, não existem formalmente". Por isso, considera fundamental o que já se avançou na formação de associações, nos processos de usucapião e de isenção de IPTU. Fala também sobre a importância dos encontros de Koinonia, onde se debatem temas religiosos e se discute a pauta de trabalho do semestre, no empoderamento das pessoas: "gosto do formato das reuniões – é mais ocidental, usa a simbologia do poder, porque um almoço de trabalho é um código de poder. Reunir pessoas negras e pobres nesse código as empodera. Isso de cada uma sentada à mesa, com um microfone à sua frente, é um estilo que rompe com o formato sindical, é outra linguagem".

A Secretaria Municipal da Educação foi ao almoço de Koinonia para oferecer parceria aos terreiros na implantação de turmas de alfabetização de adultos. "A importância desse trabalho é por ser de reconhecimento dos direitos".

*Padre Josival, capelão da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, responsável por uma igreja freqüentada em sua esmagadora maioria por negros e candomblecistas, considera que o trabalho de Koinonia "resgata essa questão da cidadania, da auto estima das pessoas e dos grupos". "O mérito maior desse trabalho é as pessoas descobrirem que elas são importantes.*

Para Eliana Rolemberg, da CESE, o trabalho jurídico de Koinonia é muito importante: "a vitória recente torna pública a questão da intolerância e exige retratação" (referindo-se à vitória em segunda instância do caso Mãe Gilda). Em relação ao diálogo inter-religioso, considera que "disseminar a informação dentro das comunidades de candomblé e o diálogo entre elas é muito importante porque, ao passar para a outra esfera, externa, tendo uma base de apoio fica mais fácil". Quanto ao ecumenismo, avalia que "a contribuição de Koinonia é grande no diálogo Ecumenismo e Direitos e o tema do candomblé tem ganhado alguns espaços significativos: nas Jornadas Ecumênicas, no Fórum Social Mundial e no Mutirão sobre Intolerância Religiosa do Conselho Mundial de Igrejas".

Em relação à estratégia para abertura de espaços para diálogo com o candomblé no movimento ecumênico, Eliana considera que "as questões de fundo, que são as questões de direito, ainda têm que ser mais aprofundadas. Quando se puder aprofundar nessa perspectiva dos direitos, pode haver mais unidade. Trabalhar enquanto orientações religiosas é mais difícil, enquanto direitos seria mais fácil".

A criação da AFA/Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia, em setembro de 2003 por líderes de terreiros que se articularam a partir de Koinonia, é também uma resposta organizada de pessoas do candomblé à ausência de políticas específicas, à necessidade de lutar por direitos, contra a intolerância religiosa e como alternativa à atuação desastrosa da FENACAB. "Koinonia foi um grande impulsionador da AFA", afirma Leonel Monteiro, presidente.

#### Parceria com o poder público em 2006: feiras de saúde

O Egbé está colocando em prática uma parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (GT Saúde da População Negra) para realização de Feiras de Saúde nos terreiros. Já aconteceu uma (Manso Dandalunga) e vai haver a próxima em julho (terreiro de Mãe Rosa). A prefeitura vai realizar feiras em todos os terreiros e, naqueles atendidos pelo Egbé, o evento será em parceria com Koinonia.

O diferencial é que Koinonia organiza a logística dessas feiras, com sua metodologia de diálogo com os terreiros; e capacita agentes multiplicadores, com o intuito de que sejam depois reconhecidos como agentes de saúde pelo poder público. Koinonia pretende que esses agentes sejam profissionalizados e possam inclusive ser contratados posteriormente pelo serviço municipal. A proposta está centrada na visão dos terreiros como Centros de Saúde, que já são; seria formalizar esse serviço e capacitar agentes.

Está em debate o conteúdo dessa capacitação. Houve uma reunião com presença de Ester. A prefeitura propõe capacitação em saúde integral e não apenas em direitos reprodutivos e HIV Aids; Ester está preparando adequação do conteúdo do curso a ser oferecido para este fim.

As dificuldades no trabalho com o poder público têm a ver com a morosidade das ações. Tudo demora muito a acontecer. "Houve muita amarração, no início" (Jussara). Problemas de agenda do pessoal da prefeitura, burocracia etc.

Já havia ocorrido, antes, uma capacitação promovida por Ester (PSD), mas cujos efeitos não vingaram. "Ficaram as pessoas capacitadas, mas não deram continuidade" (Jussara). A diferença é que agora os sujeitos são os terreiros, não as pessoas. O encontro do PSD em Salvador mostrou esse caminho.

#### Outros avanços em 2006

Outra novidade foi o início das **capacitações em documentação e arquivo**, oferecidos por Andréia (Koinonia/sede). Aconteceu já em dois terreiros (Casa Branca e Manso Dandalunga) e está funcionando. "As meninas estão animadas" (Jussara). Há um projeto já proposto pelo Egbé para ampliar esta ação, cujo horizonte é a criação de um centro de documentação digital de toda a memória dos terreiros, à disposição das comunidades do povo de santo.

Houve **ampliação do número de terreiros atendidos** e, em Camaçari, Tata Laércio está propondo fazer um "posto avançado" do Egbé. Deverá ocorrer um seminário na Câmara Municipal para tratar dos temas que interessam aos terreiros.

Outra novidade é a **repercussão do Fala Egbé na Internet**. Há muita procura por informação, gente que liga para o projeto. Houve um representante do MP em Recife que procurou o Egbé para saber todo o caminho do trabalho com IPTU e usocapião para levar como aprendizado.

Como interação programática, o Egbé tem expectativa de maior interação com o TN Quilombos, mas isso ainda não ocorreu, na prática (Jussara).

#### Perspectivas

Há muito ainda a se fazer. Os beneficiários entrevistados e alguns dos atores externos insistiram na necessidade de se fazer mais, de se publicar mais, de se fazer novos vídeos e materiais para dar visibilidade ao tema da intolerância religiosa e ao debate sobre o candomblé. O vídeo foi muito valorizado por ser uma linguagem fácil para um público que não é acostumado à leitura. O debate de temas considerados difíceis, "tabus", é considerado altamente positivo pelos maiores interessados, o povo de santo.

Mas o que impressiona mais que tudo é o aspecto vivencial desse trabalho. O candomblé é um jeito de viver – “um jeito de viver de gente pobre, um jeito inteligente, porém em conflito com o modo urbano” (Ordep). São relações familiares e laços profundos, sedimentados na vivência de uma religiosidade mágica que se expressa em rituais carregados de beleza e de sentido. As entrevistas com algumas mães e pais de santo, com filhos de santo, revelam a força do “axé” e a centralidade desse pertencimento em suas vidas, dando-lhes outra localização no mundo. São comunidades afetivas e centros de serviço social, funcionando como espaços de resistência no meio urbano competitivo, individualista e desigual, e cuja força está sobretudo na espiritualidade. É uma leitura paralela do mundo.

## ***Mudanças significativas identificadas pelo público direto***

Foi feita uma oficina com doze representantes de terreiros (beneficiários)<sup>6</sup>, um representante do Conselho do Programa Egbé Salvador, um membro da equipe do programa e o secretário executivo de Koinonia.

### *Organização*

“Koinonia trouxe para o povo de santo o princípio de como se organizar”

“Não sabia que nós de candomblé podíamos ter associação”<sup>7</sup>”

### **Formação de associações**

A associação traz benefícios: grupo capoeira Angola (25 crianças); curso de corte e costura; benefícios tipo ponto de ônibus, lixo...; “para projetos sociais com a Comunidade Solidária, por exemplo, precisei de CNPJ”; “temos cursos de dança, teatro, música. A gente faz trabalho social na escola municipal e estadual e tem festival cultural uma vez por ano”; “estamos mudando a vida dos adolescentes - já tenho 5 computadores e vai ter aula de canto no terreiro”<sup>8</sup>.

Associação permite solicitar apoio do poder público e financiamento para projetos. Traz mais respeito da comunidade diante de nós como associação e terreiro.

### *Legalização fundiária*

“Com ação do Koinonia, os invasores pararam. Deu um basta. Tem mais respeito”.

“Muitos terreiros, como quase toda Salvador, não têm escritura; o trabalho de Koinonia ajuda a garantir a posse desses terreiros. Um exemplo é do Oxumarê, que, ao entrar com a ação de usucapião, conseguiu frear a ação do especulador que queria comprar casas em volta e terrenos dentro do terreiro”.

### *Imunidade do IPTU*

“Travamos uma luta com a prefeitura municipal de Camaçari para isenção de IPTU em torno de um ano e conseguimos a imunidade: foi o primeiro terreiro de candomblé na área metropolitana a, junto com Koinonia, ter essa imunidade, que é um direito nosso”.

### **Escrever e preservar a própria história e a cultura**

“Preservar terreiro é preservar cultura.”

“Com o estatuto (da associação), a gente consegue preservar nosso passado – a história das mães de santo que passaram. Acabou o “dono primário”, todos são donos. Temos a preservação da nossa história”.

“O laudo antropológico é nossa história registrada”.

“É a oportunidade de nós escrevermos nossa própria história. Minha casa mudou de localização e não se registrou nada. Um dia sentei, ‘tomei uma cachaça’, pedi licença pra Oyá e escrevi minha história. Muitos, de casa, não sabiam sua própria história”.

### **Relacionamento com os outros terreiros/ Ecumenismo**

“Uso Koinonia como tribuna para me comunicar com os outros terreiros falando sobre a tradição angola. Hoje já se fala em inquite, junto com orixá<sup>9</sup>. Os encontros

---

<sup>6</sup> Ver lista em anexo

<sup>7</sup> Tivemos vários depoimentos no mesmo sentido, o que reforça a importância do fato de terem descoberto a possibilidade de se organizar civilmente.

<sup>8</sup> Sobre a função social dos terreiros, ver em anexo estudo de caso de Jussara Dias sobre o Ilê Axé Omin Funkó.

<sup>9</sup> Inquite é o nome, na tradição Angola (Bantu) para orixá (nação Keto, tradição Iorubana). A tradição

de Koinonia demonstram que é possível falar com os outros (keto, jeje) de forma positiva”.

“Os encontros de Koinonia são o mais importante. Antes, para mim, era evangélico pra lá, candomblecista pra cá. Hoje vejo isso do ecumenismo, com pastor, padre: buscar equilíbrio entre as partes para evitar *guerra santa*.”

“Nas reuniões de Koinonia, encontramos pessoas de nossa família do axé que de outra maneira não encontraríamos. O informativo (Fala Egbé) leva histórias de uma casa para outra ligando as “famílias de axé” – casas que são “filhas” de outras”.

#### *Desmistificar idéias errôneas*

Com os debates de Koinonia, “a gente consegue desmistificar as idéias errôneas da própria comunidade sobre o candomblé”.

No trabalho social dos terreiros com o apoio de Koinonia, “a gente junta o religioso, o social e o profano, mas sabendo cada um como é”.

#### *Informação/ conhecimento dos direitos*

“O relacionamento maior com outras casas traz mais informação”

“Há um fortalecimento da coletividade. As pessoas descobrem que têm direitos e que podem lutar por eles – IPTU, rua asfaltada, respeito pela religião...”

“As pessoas tinham medo de participar de outras associações ou terreiros, com medo da Federação<sup>10</sup>. Isso acabou”.

“Hoje temos conhecimento dos nossos direitos”.

#### **Aprendizado**

“Aqui também a gente aprende – aprende sobre o que a gente faz: trabalho social, político”.

“Ensina como lidar com a comunidade”.

“Aqui a gente aprende cultura geral também”.

“A gente não espera só pelas reuniões de Koinonia – leva para outros terreiros também”.

#### **Conhecimento**

“O principal, pra mim, é o conhecimento que Koinonia trouxe e traz. Muito. O crescimento intelectual que nos trouxe. Nessas reuniões a gente passa a ter conhecimento de todo o avanço que a religião do candomblé tem, com outras casas troca-se idéias, toma-se conhecimento de outras leis, de novas atitudes, então para mim foi o maior ganho em termos de instituição que nos amparou”.

#### **Assessoria Jurídica**

“A maior deficiência do povo de santo é apoio jurídico. A Federação é um cemitério. Hoje temos Koinonia, AFA<sup>11</sup> e outras instituições”.

#### **Luta contra intolerância**

“Minha mãe faleceu e Koinonia me abraçou. Hoje eu me sinto fortalecida até para me afirmar como ialorixá, porque quando falece uma ialorixá, o terreiro fica meio

---

Keto/Iorubana é mais conhecida e dominante, havendo uma certa “desvalorização” das demais, inclusive da nação de Angola.

<sup>10</sup> Federação Nacional dos Cultos Afro Brasileiros, uma instituição que tem o cadastro dos terreiros, dos quais cobra uma taxa – uma espécie de contribuição sindical – mas que, segundo os representantes dos terreiros, não ajuda em nada. É um resquício dos tempos de repressão, como as Colônias de Pescadores – formas de organização controladoras e externas aos interesses do público que não representa, na verdade.

<sup>11</sup> Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia

perdido<sup>12</sup>”.

“No início dos anos 80 nascia um segmento da igreja evangélica agressiva com o candomblé. Minha casa foi invadida, jogado sal com enxofre, meu cão foi queimado com ácido... Nas reuniões de Koinonia vi uma luz no fim do túnel, conhecendo o pastor Djalma, que ganhou nosso respeito. Vi que a possibilidade de se dar com o outro é real.”

“Foi ótimo ter surgido o evangélico radical, porque abriu o mundo para o povo de santo. Despertou o povo de santo. Meu terreiro ser agredido me deu coragem para ir à delegacia e punir os culpados. Koinonia encaminhou a gente para o Ministério Público – ajudou a gente a fazer com que o MP aceitasse aquela causa, que até então não tinha aceitado. Não foi só abrir a porta não, foi arrumar uma tora e bater até arrombar a porta, não foi pedindo licença não, foi dizendo: vocês vão ter que me ouvir. E a gente conseguiu”.

“O trabalho de agressão da Universal acordou o povo de santo, acordou esse gigante”.

“Evangélicos querem destruir nossa imagem e Koinonia nos dá munição para essa luta – um exemplo é o vídeo<sup>13</sup>. Esse vídeo é muito usado nas palestras – faz com que as pessoas passem a ter outra visão”. “Uma moradora de 13 anos foi assistir ao vídeo. Tem pais evangélicos e disse que ia falar com seus pais para pararem de dizer que o povo de santo não é filho de deus, mas do diabo”. “Mostrei na Associação dos Advogados Negros, onde a maioria é evangélico – muitas pessoas pediram cópia”.

“O livro ‘Candomblé – Diálogos Fraternos’ repercutiu bem no meio do povo de santo – a gente não vê esse tipo de publicação no nosso meio”. “O grande mérito é não ter um autor, mas ser de todos”. “O ponto mais importante do livro é sobre Exu. Serve como resposta ao livro do bispo Macedo<sup>14</sup>. Pessoas evangélicas me procuram e tenho indicado para procurarem o livro em Koinonia. Precisamos criar mais livros como aquele”.

#### *Auto estima das pessoas e dos terreiros, auto afirmação, identidade*

“Para mim, a mudança principal foi a valorização do candomblé, dos nossos terreiros e do nosso trabalho”.

“As pessoas iam para o candomblé por uma necessidade de saúde, mas diziam ‘meus filhos, não quero metidos nisso’. Agora, nós educamos os nossos para nós”.

“O principal foi a mudança de mentalidade, conscientização maior, auto afirmação – se aceitar como candomblecista. Antes as pessoas tinham medo, vergonha”.

“Mudou o nosso sentimento de unidade.”

“Hoje sentimos que somos muito mais importantes que outras pessoas e grupos, ocupamos mais nosso espaço. A sociedade hoje aceita mais as pessoas do axé.”

“Ainda há preconceito religioso com a própria religião que a pessoa pratica...<sup>15</sup>”

#### *Sair do ambiente fechado, maior participação*

“O pessoal não saía para a sociedade, não se abria. Não tinha contato com o social nem com as outras casas. Hoje existe esses encontros, há mais conhecimento – tanto para a sociedade civil, externa aos terreiros, como para os irmãos de candomblé. As mães de santo hoje vão às reuniões – antes não iam nem de brincadeira”.

As últimas mudanças descritas acima – mais auto-estima, maior participação -

<sup>12</sup> Sobre o Caso Mãe Gilda, ver mais informação em anexo

<sup>13</sup> Vídeo Intolerância Religiosa, uma produção Koinonia/Grupo Hermes, financiada pela CESE

<sup>14</sup> Livro do bispo Macedo da Igreja Universal do reino de Deus, ofensivo ao candomblé, retirado de circulação por ação do Ministério Público

<sup>15</sup> Para saber mais detalhes e exemplos, ver anexo

foram identificadas como principais mudanças dos últimos dez anos de uma forma geral, sem necessariamente ter a ver com trabalho de Koinonia. No entanto, os participantes fizeram questão de enfatizar a importância do Programa Egbé no conjunto de mudanças significativas identificadas. Fizeram algumas afirmações profundamente afetivas, do tipo:

"Aqui é minha família", "Eu amo Koinonia", "O mundo precisa saber em que Koinonia mudou nossas vidas", "Podemos contar nossa história em dois períodos: antes e pós Koinonia."

Repetiram muitas vezes a importância do conhecimento dos direitos, do apoio jurídico para conseguir esses direitos, mas também dos encontros e debates e da forma como são conduzidos esses momentos.

*"Koinonia conseguiu abrir a comunicação entre as nações de candomblé. Ninguém conseguiu quebrar essa rivalidade entre keto e angola. A Federação Brasileira tentou e não conseguiu, outros tentaram colocar keto e angola numa só casa para acabar com essa rivalidade e não conseguiu... Com as reuniões de Koinonia, começa com uma cantiga de keto, termina com uma de angola. Todo mundo em volta daquela mesa redonda consegue manter todo o diálogo, passando o diálogo entre todos. Não é um trabalho fácil, fazer o nosso povo de santo aprender a se comunicar. E ainda colocando aquela pessoa de uma forma tão relaxada, fazendo aquela oração, de uma forma tão sutil, ela brinca, dá risada, isso é importante". (Gigio)*

## Programa Trabalhadores Rurais e Direitos

O Programa TRD trabalha em pelo menos cinco frentes: formação da juventude rural no SubMédio São Francisco (SMSF); assessoria ao Pólo Sindical do SMSF; produção de conhecimento sobre política de drogas, trabalhadores rurais envolvidos no plantio ilícito e direitos; articulação com outros programas e espaços afins, inclusive de política pública; sensibilização das redes ecumênicas para o tema. O programa conta com uma equipe composta pelo coordenador (Atílio), Priscila (na sede de Koinonia) e Quitéria (na região do SMSF).

### *Atuação em Delmiro Gouveia*

A ação local tem um foco claro no SMSF, com dois pontos de atuação: um em Alagoas (Delmiro Gouveia) e outro em Pernambuco (Petrolândia, sede do Pólo). A metodologia, no caso de Delmiro Gouveia, é a de formação de jovens agentes culturais – cursos compostos por três módulos, oferecidos por uma articulação de organizações: Koinonia, Coppabacs, Equip, Irpaa, Cactus e Nudec (as duas últimas, ONGs locais). Essas instituições compõem um coletivo que planeja e executa os cursos de formação de agentes culturais, com material didático e formatação do curso basicamente propostos por Koinonia, que entra também com a temática dos direitos.

*Obs: por causa do jogo do Brasil na Copa do Mundo, o módulo teve que ser abreviado e o tema que foi "cortado" (ficando como "Para Casa" a leitura do texto correspondente) foi o dos direitos.*

### *Atuação no Pólo Sindical*

No Pólo, Koinonia tem uma função de assessoria política e pedagógica mais clara, com duas linhas de atuação: jovens e ações contra a violência. Aí também se formam agentes culturais (nos mesmos moldes), mas o trabalho está organizado em um Coletivo de Jovens, vinculado a um Departamento específico, dentro de uma Secretaria de Mulheres e Jovens do Pólo. A proposta inclui também formar jovens para renovação dos quadros dirigentes sindicais, o que Quitéria considera muito difícil, mas que se está conseguindo – já há hoje dois jovens em cargos de direção no Pólo.

A atuação de Koinonia, porém, não é vista como restrita apenas ao trabalho com jovens; é considerada uma assessoria mais abrangente. O Pólo é uma organização sindical sui generis, porque é supra-estadual, o que lhe traz dificuldades do ponto de vista de sustentação financeira (cobrança de contribuição sindical). Tem uma história de luta muito bonita, com a grande conquista de reassentamento para os atingidos pela barragem. Koinonia, ainda nos tempos de CEDI, atuava com eles nessa luta. O assassinato de uma liderança dos trabalhadores rurais na região foi que "despertou" Koinonia para o novo foco do trabalho, a violação dos direitos dos trabalhadores rurais envolvidos no plantio ilícito de *canabis*.

A proposta do trabalho com jovens é de trabalhar a identidade da juventude rural e seu protagonismo. A metodologia encontrada para isso é a formação de Agentes Culturais e todo um trabalho de ação cultural, que tem envolvido Olimpíadas e Gincanas. Essa movimentação, segundo Quitéria, trouxe alguns resultados, como no município de Santa Maria, no qual a Câmara votou lei proibindo a venda de armas de

brinquedo (tema de uma das Gincanas ou Olimpíadas). O objetivo é, por meio da ação cultural, trabalhar a formação cidadã e política desses jovens. Como parte da metodologia do curso, os jovens agentes planejam e realizam projetos de ação cultural. A proposta é que depois esses agentes continuem o trabalho sozinhos. Há dificuldades no acompanhamento e vazios que precisam ser repensados, para que o trabalho não “caia por terra” depois de um tempo, por falta de acompanhamento e estímulo. Há casos interessantes de ação dos jovens que passaram pelo curso; Quitéria cita um município em que os jovens agentes culturais criaram uma movimentação para fazer a Câmara trabalhar, conhecer e discutir a Lei Orgânica do município.

### *Superação da violência*

O tema da superação da violência é trabalhado considerando o espaço da ação cultural como um lugar seguro no qual o jovem pode se encontrar e buscar referências diferentes das que lhe são colocadas por seu meio (estamos na região do polígono da maconha). O tema do plantio ilícito é difícil de ser trabalhado, não se fala disso abertamente. Foi feita uma pesquisa sobre violência – os pesquisadores eram jovens do coletivo – que mostra dados interessantes sobre a percepção do que é violência para as pessoas daquela região.

A pesquisa, feita com apoio da CESE, ainda não foi divulgada; conversando com algumas das pesquisadoras, falou da dificuldade em encontrar um dos perfis de entrevistados, justamente o da pessoa envolvida com plantio ilícito. “Isso existe, mas ninguém fala, a gente não sabe nem como entrar em contato”. Os resultados da pesquisa apontam que a população acredita que a violência possa ser superada por ações sócio-educativas, o que é um dado muito positivo; e que o trabalho cultural com jovens é um bom caminho para isso.

Quitéria acha que a saída para enfrentar o problema da economia do ilícito, é achar alternativas melhores na agricultura. Há exemplos de jovens, em Floresta, que deixaram o plantio de maconha.

Por outro lado, o coordenador do Programa participa ativamente em fóruns, espaços de formulação de política e de construção de conhecimento sobre o tema. Existe uma interessantíssima aliança com o Observatório de Favelas, que tem um projeto chamado Rotas de Fuga, cujo objetivo é oferecer alternativas para jovens que queiram sair do tráfico. Koinonia vem trazer a reflexão sobre a “cadeia produtiva” da maconha – a necessidade de se considerar o problema da violência e da falta de alternativa dos jovens não somente na distribuição (cenário urbano) como no plantio (cenário rural).

Vários artigos e materiais de reflexão têm sido produzidos por Koinonia (coordenador do programa) sobre o tema.

### *Transversalidade, eixos temáticos*

Há um início de interação positiva com o Programa Saúde e Direitos. Tudo começou quando Quitéria viu uma menina de olho roxo durante um curso e soube que tinha apanhado do namorado, que também fazia parte do grupo. “O pior é que eles e elas achavam normal”. Daí abriu-se o tema dos direitos também no aspecto de gênero, de discutir a questão sexual e o tema de prevenção e de direitos reprodutivos. Ester participou de uma reunião de avaliação e planejamento do coletivo de entidades que

trabalham com a formação dos agentes culturais. Foi planejado um trabalho conjunto, que deve ainda ser realizado (um curso para multiplicadores, em três módulos, nas duas localidades: Delmiro e Pólo). Para Ester, esta é a forma ideal de realizar a transversalidade, desde o planejamento feito em conjunto, e não apenas "agregando" oficinas ou cursos do PSD. Essa outra maneira é mais orgânica e possibilita a internalização do tema e da proposta metodológica do PSD pelo programa que está convidando.

O trabalho com igrejas ou com comunidades religiosas não é um viés que o Programa TRD trabalhe. Ester deu um primeiro curso lá para grupo de igrejas, mas, segundo Quitéria, "não funcionou", embora muitos jovens pertençam a grupos de jovens da igreja católica.

A questão do ecumenismo e do diálogo inter-religioso não é um foco do trabalho, mas transparece nas entrevistas pelos depoimentos de pessoas que participaram das Jornadas Ecumênicas e Assembléias de Koinonia. De fato, Cassinha, coordenadora do Pólo, propõe que Koinonia "se assuma" como ecumênica no SMSF e traga "místicas e dinâmicas" para os encontros, porque "nosso povo também precisa de espiritualidade". Mas reconhece que é difícil trabalhar o assunto na região.

### *Resultados alcançados*

O PTRD mantém debate e ocupa espaços de produção de conhecimento, informação e monitoramento de políticas públicas em instâncias nacionais e internacionais sobre o tema das drogas. Traz a discussão dos direitos dos trabalhadores rurais envolvidos com plantio ilícito, o que, no Brasil, não tem visibilidade. Na América Latina, o tema da coca tem espaços consolidados de discussão; a coca tem claramente uma identidade cultural reconhecida. Não é a mesma situação para o caso da maconha, no Brasil. Não há esse viés cultural reconhecido.

Dar visibilidade ao tema dos direitos dos trabalhadores rurais envolvidos no plantio ilícito, com o recorte da juventude, não é tarefa fácil. A aliança com o Observatório de Favelas mostra um (mais um) possível caminho para criar esse espaço no imaginário das pessoas – o caminho da arte e da comunicação que, somado aos esforços das ações culturais locais, das articulações políticas e da produção de conhecimento e informação, pode contribuir para trazer o tema à tona.

A proposta de sensibilizar as redes ecumênicas para o tema tem se materializado na produção de artigos e na realização de debates nas Jornadas Ecumênicas. Nas entrevistas dos parceiros nacionais e internacionais de Koinonia, o tema da juventude é citado como uma das marcas que dá foco ao trabalho da instituição (ver entrevista FASE).

O PTRD avança em direção aos seus objetivos específicos (formação cidadã e ações sociais com juventude SMSF; superação da atual política de drogas) com uma estratégia de ação que vem funcionando nas duas pontas: trabalho local de formação de jovens agentes culturais e trabalho de produção de conhecimento e articulação política em âmbito nacional e internacional. No entanto, o tema da economia do ilícito tal como é colocado por Koinonia está longe de ter visibilidade; falta ainda muito caminho a andar. Juntar as duas pontas: protagonismo juvenil e superação da violência ligada à economia do ilícito – ainda é um grande, um enorme desafio.

## *Desafios e perspectivas*

No Pólo Sindical, SÍntia Nery, Secretária de Mulheres e Jovens do Pólo, vê como desafios de sua secretaria reativar grupo de mulheres e dar mais força à juventude. "O jovem precisa mostrar que tem responsabilidade e que pensa também nos objetivos do Pólo".

Para Rita de Cássia, coordenadora do Pólo, os desafios do trabalho com os jovens são:

- Harmonizar ações do Pólo com as da juventude (como as ações dos jovens podem interferir e ajudar nas ações do Pólo? O Pólo tem outras pautas, como produção orgânica, mas coletivo de jovens não participa, assume só suas próprias pautas);
- Fazer a ponte com STRs e Federações no trabalho com os jovens
- Resgatar identidade do jovem rural e formas de permanecer na região
- Pesquisa: é preciso dar um retorno para dentro do Pólo

Fala também de alguns desafios para Koinonia:

- Trazer a discussão do ecumenismo para a região
- registrar as histórias do reassentamento
- Documentação e arquivo: Koinonia tem mais registros que o Pólo (da história do reassentamento e do próprio Pólo; o Pólo não se percebe, não vê a importância do que faz com a juventude)

Para dois dos diretores mais antigos, o grande desafio do trabalho com jovens é juntar a formação político-sindical aos temas dos jovens; aprenderam que a metodologia sindical não é apropriada para a juventude.

No trabalho em Delmiro Gouveia, o ponto mais frágil é a questão do acompanhamento pós-curso. Já há uma estratégia indicada para isso, que contempla a criação de coletivo dos ex-cursistas.

Em ambos os casos, há uma demanda de trabalhar temas ligados à produção no curso de formação, ou de criar momentos de formação para produção. Outra forte indicação é a de intensificar a formação política dos jovens.

Esses aspectos também aparecem como sugestões da coordenadora da CODEVASF na região. Ela é uma parceira que tem apoiado com algumas questões logísticas, mas que tem enorme interesse na questão de formação da juventude rural. Acredita que os parceiros locais de Koinonia deveriam trazer os jovens para debates maiores, como o de uso da água, para que eles sintam que "o que eu aprendi tem importância, tem uso".

Outra grande oportunidade de aprofundar parceria é com o Observatório de Favelas, pensando em somar esforços no que cada um tem de mais específico. Poderia ser interessante montar um curso de fotografia, por exemplo, com o pessoal do OF, para os jovens do SMSF, resultando numa mostra ou outra forma de divulgação que juntasse as duas pontas: jovens rurais e jovens urbanos que vivem em situações de violência por causa da economia do ilícito. A questão seria negociar muito bem essa parceria, para que os recursos fossem captados de maneira a não onerar Koinonia (a questão que se repete é a forma que os parceiros, governamentais ou não, vêm Koinonia: como prestadora de serviços sem necessidade de pagamento por isso, o que não é real).

*Visão do público direto e dos parceiros*  
Ver texto específico a respeito.

## **Visão do público direto e dos parceiros no SMSF**

### **IRPAA**

*Entrevistados: Adelson e Ana Cecília*

O IRPAA realiza uma Escola de Formação de Lavradores, na qual as pessoas passam quinze dias em módulos presenciais, e atualmente está com a Escola de Convivência com o Semi-Árido, voltada para a juventude, na qual os jovens passam uma semana em cada módulo. São trabalhados conteúdos sobre o semi-árido e sobre juventude, inclusive políticas públicas. Desse trabalho, fazem encaminhamento de propostas para a política nacional para a juventude. Atendem a 60 jovens de todos os estados do Semi-Árido. Com o tema cultural, tiveram experiência anterior de formação em comunicação e artes de 20 jovens em três municípios, em projeto com a rede de Educadores do Semi-Árido Brasileiro (RESAB). Fazem acompanhamento pedagógico do PETI.

IRPAA já conhecia o trabalho do Equip, quando surgiu a proposta de refletir mais sobre juventude rural. Koinonia e Equip já desenvolviam o trabalho de formação de agentes culturais e IRPAA entrou.

*Qual o diferencial de Koinonia?*

- traz ganhos – metodologia, conteúdos, material didático
- atitude de acolhimento: somos recebidos carinhosamente e com respeito, não colocados como “iniciantes” por termos chegado depois
- ajuda a sistematizar conhecimentos que o IRPAA tem sobre juventude
- enfatiza o aspecto de coletividade: “o construir coletivamente é muito relevante neste trabalho”
- Embora Koinonia tenha sua sede no Rio, na região SE, se preocupa em organizar as pessoas na região de origem delas, sem que tenham que sair e sem trabalhar com referencial externo.

A proposta tem sido trabalhar em rede, superando ações isoladas. O coletivo de entidades dá a possibilidade de se trabalhar na região como um todo e não pontualmente. Um ponto de junção das instituições do coletivo é o aspecto político, a visão política. Há organizações mais antigas e com especializações, como IRPAA e Equip, e outras que estão surgindo já do trabalho com os jovens, como é o caso de Cactus.

*Transversalidade com PSD*

- Está previsto trabalhar um dia sobre DST-Aids nas reuniões do coletivo de jovens.

*Informação/ publicações*

- As publicações de Koinonia não circulam entre todos, IRPAA não recebe os materiais

- Só conhecem pelo site
- "Eu nunca li o que Atilio produz!"
- Seria importante receber esse material

Visão sobre jovem rural:

- há descaso com o meio rural
- dificuldade de acesso aos programas do governo
- problemas da área urbana começam a chegar à área rural, como uso de drogas (??!!).
- A irrigação tem trazido gente nova e o plantio de maconha aumentou, porque dá retorno mais rápido
- O jovem rural aprende nas escolas para viver nos centros urbanos (Adelson, citando um jovem)
- Conceito de trabalho rural: Que trabalho o jovem rural quer? Ser empregado?
- Para jovens indígenas e quilombolas a situação é pior, há mais preconceito (*Isso pode ser problematizado, já que a legislação oferece justamente a essas populações possibilidades diferenciadas de acesso à terra, programas especiais, etc*)

### **Copabacs**

Entrevistados: Mardônio (presidente) e Neide (tesoureira)

A Copabacs é uma cooperativa de bancos de sementes. Trabalham em 14 comunidades distribuídas em 8 municípios. Tem sérias limitações de recursos financeiros (pouco apoio externo e ainda não conseguem gerar recursos próprios de forma suficiente). Principal fonte de recursos, hoje: P1MC.

Tem como missão comercializar sementes e gerar recursos próprios, sem assistencialismo.

Mardônio está nas coordenações estadual e nacional da ASA e nos processos dos territórios.

Tem parceria antiga com IRPAA e com Equip. Participam desde 2005, com o Instituto Paulo Freire, de processo de formação de lideranças (Educação Cidadã), no qual priorizaram os conselheiros e agora vão focalizar as mulheres. Têm parceria com Caritas para acompanhamento dos bancos de sementes desde 1998, mas essa parceria não lhes oferece recursos que garantam sua própria mobilidade para esse acompanhamento.

Promovem anualmente uma Festa da Colheita, que é o grande momento em que todos participam, com muito envolvimento dos jovens. Têm reuniões bimestrais dos Conselheiros e quinzenais da Diretoria Executiva e uma avaliação anual.

Trabalho com jovens:

- Copabacs não tinha trabalho específico com jovens; Mardônio acha importante para que eles possam assumir, no futuro. Os diretores mais antigos têm medo de ousar, os jovens ousam mais, pensam alternativas. Tem muita coisa a ser feita, mas ninguém assume, todo mundo é muito ocupado... o jovem poderia assumir.

- Queremos quebrar a visão de que é preciso estudar para “não ficar na roça igual seu pai”. A roça garante, mas tem que se organizar e conseguir conviver com a seca.
- *Expectativa com a formação*: jovens como protagonistas de suas história/ participando de associações e interferindo nas PP em seus municípios/ abrindo campos políticos de mudança/ tendo visão mais crítica da sociedade (sabendo escolher em quem votar, por exemplo)

#### Papel no curso:

- a Copabacs faz a articulação (convidando os jovens da região) e oferece a sede para realização do curso. Participa com aproximadamente 14 jovens em cada curso. Procuram enviar mais jovens vizinhos ou de uma mesma localidade, para formar grupos depois, e não um por localidade, como fizeram inicialmente.

#### Resultados e impactos da formação de agentes culturais:

- jovens às vezes não conseguem participar em espaços como associações, na volta do curso, porque as lideranças comunitárias não abrem espaço;
- apesar disso, já há mais jovens entrando nas associações e diretorias (já tem 2 jovens na diretoria da Copabacs, hoje);
- a participação dos jovens na avaliação anual resultou em planejamento diferente, incluindo novas ações;
- em Pariconha, jovem que fez curso está provocando dinâmicas novas no Banco de Sementes e na associação
- problema maior: acompanhamento (pós-curso)

#### Visão sobre Koinonia:

- com a chegada de Koinonia, conseguimos fazer efetivamente cursos com três módulos cada e não cursos dispersos, como era antes (parcerias com IRPAA e Equip);
- o mais interessante é que o processo não vem pronto, mas vamos construindo juntos, passo a passo;
- ajudou a solidificar parceria com IRPAA (vão enviar jovens para lá)
- Koinonia tem aberto espaços, faltam agora mais projetos específicos para avançar.

*Ter recursos para tudo também termina viciando; queremos que os jovens façam mais por conta própria*

#### A questão do pós-curso:

- a maior dificuldade é o acompanhamento
- proposta: criação de coletivo estadual dos ex-cursistas

### **Equip – Escola de Formação Quilombo dos Palmares**

*Entrevistada: Joana D’Arc da Silva*

A Equip, que existe desde 1987, trabalha, como escola regional, a identidade nordestina, com conceitos da educação popular e da reflexão sobre a prática.

Joana, psicóloga e formada também em educação física, vem de movimento de

igreja (Pastoral da Juventude), movimento estudantil, movimentos populares e chega à Equip. Inclui espaço alternativo do trabalho corporal como parte de seu trabalho como educadora. É a primeira vez que vem ao curso e que trabalha diretamente com Koinonia (veio substituindo um colega).

Visão sobre Koinonia:

- há grande confiança mútua entre as duas instituições
- existe grande seriedade no trabalho de Koinonia e muita clareza sobre o que deve ser feito
- é tranqüilo definir co-responsabilidades e aportes
- é uma parceria estratégica que só tende a amadurecer politicamente
- é uma parceria complementar, sem disputa de espaços
- todos concordam que a formação política se dá "dando asas e possibilidades para a prática concreta no presente"
- o coletivo de entidades provoca desejo de estarem mais nos trabalhos uns dos outros. É uma parceria bonita porque há "enamorado" pelo trabalho uns dos outros.

*Obs: não conhece as publicações de Koinonia*

Sobre a proposta de formação (curso):

- a estratégia de formação de agentes culturais jovens é fundamental, mas há questionamentos sobre o conceito agentes culturais;
- papel desses multiplicadores é fundamental;
- ação de mobilização constante para continuar "com gosto" e romper o tradicionalismo, os "capas pretas" dos movimentos, é muito importante;
- juventude é disponível e a fim de se afirmar como sujeitos de ações concretas.
- Metodologia é também conteúdo de transformação (pode-se falar de liberdade, oprimindo). Equip traz contribuições nessa área que se somam às dos demais.
- Muito importante a proposta de discutir a identidade do jovem rural porque:
  - Juventude, no nordeste, é protagonista em que?
  - País não tem estrutura nem projetos de desenvolvimento e de educação para o campo
  - Não se vê jovens da cidade indo para o campo, só o contrário
  - Cooperativas e outros espaços novos que se abrem permitem "ganhar fôlego"
  - O sistema educacional (e também as dinâmicas das organizações do movimento social) não permitem a volta do jovem: ele vai estudar na cidade e depois "não é carne nem peixe"
  - Não se pode discutir Reforma Agrária sem discutir a identidade desses sujeitos (valor e dignidade por estar no meio rural)

Movimento só fazia luta sindical, hoje já assume conteúdo formativo, mas tudo isso ainda é novo. Bebem de fontes do movimento de mulheres, dos negros, dos índios...

### **ASA/ Copabacs/ Equip**

*Nina*

Veio do trabalho de um coletivo de formação do sertão, com CUT, Equip, CPT e outros.

Ela, Nina, cumpre a função de articular os jovens para virem para o curso e dar acompanhamento no pós-curso, pela proximidade (vive em Delmiro); entrou no trabalho trazida por Quitéria.

Conhece publicações de Koinonia.

Papel de Koinonia:

- pensou temática e metodologia, inicialmente (junto com Equip)
- abriu espaço para procurar público de diversas instituições – diversidade de caminhadas e de metodologias
- cumpre papel de abrir espaços para favorecer a juventude

O que considera mais positivo:

- intercâmbios interestaduais temáticos  
*O encontro sobre PP foi muito positivo, muito rico pela presença dos 3 estados. Fortificou os jovens.*

O que o curso traz como contribuição:

- identidade do jovem rural
- descoberta de suas potencialidades e direitos
- diagnóstico de sua realidade
- ver o que tem no cenário e que possibilita caminhos
- acha que a metodologia do curso permite ao jovem se encontrar

*O que poderia melhorar?*

- ela diz que há tendências diferentes, no coletivo de entidades, sobre o que precisa ser reforçado no curso: uns sentem que precisa mais “aprender a fazer”, *desenvolver tecnologias*, para aproveitar potencialidades; outros sentem falta de mais *formação política*. Ela acha que precisa das duas coisas e de mais discussão sobre *políticas públicas*.
- Realizar a semana de formação política prevista.
- Rever os impactos, o que aconteceu a partir dos cursos. Para isso, encontrar metodologia e mecanismos de acompanhamento (“no intercâmbio só vão representantes; como acompanhar a trajetória dos demais?”)

### **Participantes do curso**

*Vanessa, 16 anos, comunidade de Ouro Branco*

Veio a convite da Caritas, para a qual trabalha como Agente de Desenvolvimento Local ensinando a cuidar de animais. Filha e neta de agricultores. Quer ser veterinária.

- Participação política é importante, mas não é um assunto agradável para jovens. É preciso o jovem se envolver e entender, saber em quem votar.
- Há futuro para juventude rural, mas precisa de apoio
- Perspectivas para o jovem rural: políticos das cidades deveriam oferecer condições
- Jovens se sentem desacreditados, precisam se sentir com autoridade e coragem para falar, ganhar força, no seu próprio lugar
- “hoje os professores me valorizam por causa do trabalho com Caritas, só porque alguém de fora nos valorizou. Queremos que os próprios, de nossa

- comunidade, nos valorizem”.
- “podemos mudar o lugar em que a gente vive e até o Brasil”
- o que importa é a vontade de fazer
- Ganhos: conheci gente com mente mais aberta que a minha e já mudei muito, hoje penso diferente em muitas coisas
- *Expectativa com o curso*: adquirir conhecimento para fortalecer a comunidade; mostrar sua capacidade como jovem (jovem é muito marcado, precisa mostrar que é responsável)
- STR é quase invisível para jovens
- Ela quer começar com grêmio estudantil e seguir para a política, o STR...

*Sugestão*: que as escolas da cidade façam adaptação curricular, de conteúdo e de materiais, como as escolas rurais estão fazendo – mudar a visão sobre mundo rural

*Bruna Carla Gomes Vieira*

Sítio Pedra de Água dos Aquinos, 13 anos

CACTUS – Centro de Apoio Comunitário de Tapera em União e Senador Rui Palmeira (organização da Visão Mundial)

- Recebeu convite para participar do curso, precisou convencer o pai (ia trabalhar na roça com ele): “preciso mais conhecimento, conhecer as culturas dos outros...” Ele aceitou porque acha que isso pode ajudar no futuro dela
- Os pais de minha mãe eram ignorantes, tiraram ela da escola cedo
- Quero fazer medicina
- O curso está me ensinando a conviver com outras famílias e outras raças
- O futuro para o jovem rural não é dado, é batalhado. Só precisa de oportunidade. Não vai ter emprego para todo mundo ficar na sombra.
- Falta emprego para os jovens.
- Gosto de levantar todo dia cedo, sair com meu pai pra roça, ver inverno bom, cortar a terra, plantar, “chechar” (limpar), arrancar e bater o feijão.
- Há espaços para os jovens participarem de reuniões. Ela ajuda fazendo atas e pegando assinaturas dos presentes.

*Márcia*

Cabeça do Boi – 15 anos

CACTUS

- Eu aprendi muito, nesse trabalho com Cactus, participando de cursos... Eu não era tão bem educada.
- Participa de reuniões na comunidade, jovens são convidados, elas ajudam a anotar
- Sonha trabalhar, viajar, transmitir conhecimentos... “como vocês!”

*Agamemon do Nascimento*

33 anos, Índio Geripankó

Ex-coordenador da APOINME, ex-presidente do STR de Pariconha

Participa da Copabacs (veio a convite do banco de sementes local)

- participação indígena na região: nas tomadas de decisões; há reconhecimento das lideranças
- conhece Koinonia pelo movimento indígena, acha que já tiveram apoio de

- Koinonia
- a juventude hoje se forma pelos movimentos populares
  - violência:
    - difícil assumir lideranças por causa de pressão e violência
    - liderança tem que enfrentar poder político local
    - somos tímidos para reagir judicialmente à repressão policial
    - morrem muitos jovens assassinados
  - principais desafios para juventude:
    - convencer lideranças antigas de que são capazes, que estão preparados e que podem resistir às tentações (propinas etc)
    - manter a cultura local
    - conseguir êxito nos princípios que se quer
    - vencer preconceitos
    - adquirir confiança
    - desenvolver papel na comunidade

### **Pólo Sindical**

*Vânia Tatiane da Silva Santos*

20 anos

Comunidade Santo Antônio, Jatobá

Agente cultural; estudante de pedagogia

- família atingida por barragem; pais participavam do STR (mãe ainda participa); ela veio de movimento jovem da igreja
- fez curso de agente cultural em 2004 e, como projeto concreto, fizeram valorização do artesanato na escola; trabalho desmobilizou porque meninas mudaram, meninos foram trabalhar na piscicultura, compraram motos e saem para festas nos fins de semana; não há mais reuniões do grupo. As meninas levavam mais a sério que os rapazes
- Sou apaixonada pela história do meu povo
- Conhecimento sobre Koinonia:
  - O que significa? É uma sigla? (perguntavam, na escola)
  - A palavra quer dizer comunhão; é uma entidade que presta serviço ecumênico e trabalha com outras entidades; trabalha com ecumenismo e diálogo inter-religioso buscando a paz entre as religiões, o que é necessário; não discrimina outras religiões. (Atílio explicou no coletivo o que era Koinonia e o que era ecumenismo)
  - Koinonia é assessora do Pólo e está apoiando os jovens
- Pesquisa sobre violência:
  - foi uma formação, para nós
  - desenvolveu senso crítico
  - viu policiais com consciência da arbitrariedade policial
  - certas coisas não são percebidas como violência, como as coisas contra a mulher
- Trabalho com o coletivo:
  - Tem contribuído para formação como pessoa
  - Debates sobre conjuntura internacional ajudou no vestibular
  - Visão mais crítica

- Pólo tem crise: é ONG ou é organização sindical?
- Publicações de Koinonia:
  - Descobriu que o Pólo tem arquivos e começou a fazer leituras. Descobriu Tempo e Presença, passou a ler e ganhou assinatura até este ano.
  - Acha difícil a leitura, mas procura no dicionário; gosta mais dos artigos de Ivone Gebara e dos de Atílio (porque fala de nossa realidade)
  - Emprestou a revista para amiga do RN e depois viu carta dela publicada na T&P
- Ecumenismo:
  - Participou de Jornada Ecumênica
  - Dançou com o candomblé e com todos juntos (crentes, católicos, candomblé e agnósticos)
  - "nunca me senti tão bem"
  - fez amizades
  - tinha outra visão sobre o candomblé
  - "a gente precisa sair mais do nosso canto para conhecer os outros e dar espaço, as diferenças são positivas"
- O que não tem funcionado bem:
  - Planejamento que fura por causa das agendas e de problemas financeiros
  - Este ano está tudo muito parado
  - Tudo depende muito da possibilidade dos assessores (Atílio e Quitéria)
  - "a gente vai se desestimulando"
  - fazer avaliação é fundamental (2005 não foi feito)
  - necessário mais material didático sobre os temas (para repassar para comunidades)
  - falta mais acompanhamento; sentem-se isolados nos municípios
  - os STRs não dão apoio
  - necessário formação de novos líderes, consciência ambiental e agroecologia
- Identidade:
  - Antes do curso, não se assumia como agricultora
  - Quer trabalhar com educação no campo

*Ana Cleide dos Santos*

32 anos  
 Diretora no STR de Rodelas  
 Agente Cultural formada pelo curso  
 Ex-coordenadora do depto de jovens do Pólo

**Pesquisa:**

Aninha participou da pesquisa. Difícil falar da violência vinculando ao tema do plantio da maconha, o assunto é segredo. Tabu. Houve pessoas que não quiseram falar. Violência doméstica não é identificada como tal.

**Impactos da formação na vida dela:**

- ampliou sua visão da região

- entendeu que podia ser protagonista; mudar a realidade da região a partir do que cada um pode fazer
- valorização do jovem rural: direitos, valor
- hoje ela faz parte da direção do STR de Rodelas

**Avaliação do trabalho com os jovens:**

- com o coletivo, os valores são reforçados
- jovens vêem perspectivas de seguir adiante – podem ser médicos, agrônomos, doutores, na sua roça
- antes se pensava que para ficar na roça não era preciso escolaridade; hoje, isso mudou
- jovens gostam de participar
- a questão é ter clareza se se quer permanecer no meio rural
- papel da formação/educação: ajudar os jovens rurais a ter clareza para se decidir

**Relação do Pólo com o trabalho com jovens:**

- eram trabalhos separados
- há pouca ou nenhuma relação entre Pólo, STRs municipais e jovens (as comissões de jovens por município eram vistas como “coisa do Pólo” e não apoiadas ou assumidas pelos STRs)
- a relação nos STRs e com a direção do Pólo tem evoluído (não é fácil a abertura para jovens)

**Papel de Koinonia:**

- garantir recursos para as ações. “Este ano está agoniado, reuniões do coletivo não aconteceram”.

*Síntia Veronica Almeida Nery*

24 anos

Secretária de Mulheres e Jovens do Pólo

**Desafios do Departamento hoje:**

- reativar grupo de mulheres
- dar mais força à juventude
- jovem precisa mostrar que tem responsabilidade e que pensa também nos objetivos do Pólo

**Papel de Koinonia e avaliação do trabalho:**

- o coletivo de jovens foi organizado com o apoio de Koinonia
- Koinonia é importante porque atua em região “escanteada”
- As publicações de Koinonia são importantes, as pessoas pedem
- A formação de multiplicadores dá resultado (tira por si)
- Sugestão de melhoria: ter mais cursos e de mais tempo de duração

**Impacto em sua vida:**

- O movimento é uma faculdade sem diploma. Eu era muito tímida mesmo, e hoje já sou menos.

#### *Ecumenismo:*

- participou de duas Jornadas Ecumênicas
- no início, sentiu-se perdida e assustada, peixe fora d'água
- depois, foi clareando a mente
- discutir isso na nossa região é complicado
- fez amizade com pessoal de terreiros da SSA
- na segunda jornada, teve mais clareza e criou mais laços de amizade

#### *Rita de Cássia dos Santos Nery de Souza (Cassinha)*

Coordenadora do Pólo  
33 anos

Vem de trajetória de movimento de igreja católica (pastoral de juventude). Participou de curso sobre relações de gênero no Pólo, promovido por Koinonia. Começou-se a questionar espaço para jovens no Pólo. Departamento foi criado em 1997. Depois surgiu proposta de formação de multiplicadores (agentes culturais).

#### *Papel de Koinonia em sua formação:*

- o primeiro curso de gênero foi muito importante
- contato com Atílio e Quitéria: fundamental
- viagem à Colômbia para participar de Fórum de discussão sobre drogas: uma lógica muito diferente. Foi impactante, para ela. Ficou a questão: como pautar a discussão por exemplo de redução de danos em nossa região? Lá, a coca é uma coisa cultural...

#### *Violência e economia do ilícito:*

- não lidamos abertamente com o tema do plantio de maconha, é algo para o futuro. O Pólo não pode tocar no assunto, quem joga o assunto para fora é Koinonia;
- trabalhamos o tema com os jovens de forma "sutil" (sem falar abertamente);
- a cultura da região vê violência só como assassinatos, enfrentamentos com polícia;
- muitas mortes são vistas como certas, justas. "Sentar na mesa com um gay ou com uma puta é feio, mas com um assassino, não".
- Crianças aprendem a atirar e usam armas.
- "É preciso mais coragem para não atirar que para atirar"

#### *Desafios do trabalho com jovens:*

- harmonizar ações do Pólo com as da juventude (Como as ações dos jovens podem interferir e ajudar nas ações do Pólo?)
- jovens fazem ações só pensando em si mesmos
- resgatar identidade do jovem rural e formas de permanecer na região
- Pólo tem outras pautas, como produção orgânica, mas coletivo de jovens não participa, assume só suas próprias pautas
- Pesquisa: é preciso dar um retorno para dentro do Pólo
- Fazer a ponte com STRs e Federações// jovens assumirem as pautas dos Strs locais como suas (o problema é que essas pautas não animam como as gincanas...)

#### Trabalho de Koinonia:

- se não tivesse apoio contínuo de Koinonia (é o único), o departamento de jovens talvez já tivesse sido extinto;
- debate sobre jovens começou primeiro no Pólo que nas Federações e na Contag
- questão de gênero foi pautada na criação do departamento de jovens: por que as mulheres têm que cuidar dos jovens?
- Koinonia nos ajuda a pensar os desafios e a provocar os assuntos. Mas não adianta só Koinonia trazer e falar, nós é que temos que pautar... Muita gente fica esperando só por Atílio... (risco de acomodação na relação)

#### Ecumenismo e diálogo inter-religioso:

- Cassinha foi para Assembléia de Koinonia
- Aqui não trabalhamos a mística, a espiritualidade
- Talvez Koinonia pudesse nos ajudar nesse processo ecumênico
- Koinonia poderia se mostrar como ecumênica aqui; nosso povo também é carente de espiritualidade
- Precisamos conhecer mais a história do candomblé
- Koinonia poderia trazer dinâmicas e místicas ecumênicas e espirituais para os eventos
- É um desafio trazer a discussão do ecumenismo para a região

#### *Saúde e Direitos*

- Sintia e Ana são multiplicadoras do DST-Aids (fizeram curso com Ester)
- Como juntar os assuntos? Se o Pólo pauta o tema, é visto como "deixando de lutar"

#### Desafios para Koinonia:

- registrar as histórias do reassentamento
- documentação e arquivo: Koinonia tem mais registros que o Pólo (da histórica do reassentamento e do próprio Pólo); precisamos ter esses registros também
- o Pólo não se percebe, não vê a importância do que faz com a juventude

*Ademar Fagundes Vieira*  
Secretário de Formação

*Heraldo José de Souza*  
Secretário de Convivência com o Semi-Árido

- Trabalho de Koinonia com jovens é importante porque é uma área que os movimentos, na região, têm dificuldade para trabalhar;
- *Desafio:* juntar a formação político-sindical aos temas dos jovens; metodologia sindical não é apropriada para a juventude
- Koinonia começou (com Aurélio Viana, ainda CEDI) como assessoria; depois passou a temas pontuais: mulheres, jovens, violência e narcotráfico
- *Resultados do trabalho com jovens:*

- Hoje temos jovens incluídos nos movimentos, graças a esse trabalho;
- Há renovação de quadros no movimento sindical
- Pessoas mais qualificadas
- Koinonia ajudou a abrir novas articulações e parcerias
  
- *Pesquisa*: é preciso discutir com Koinonia a utilização dos resultados da pesquisa
- *Aprendizado*: aprendemos que trabalho com a juventude não pode ser só político, tem que ser de lazer e cultural. É aí que as igrejas ganham.
- *Desafios do Pólo hoje*, nos projetos de reassentamento e irrigação:
  - Produção e comercialização
  - Conclusão dos projetos de irrigação
  - Agricultura orgânica
  - Convivência com semi-árido
  - Conflitos índios X reassentados
  
- *Perspectivas*:
  - Continuar o trabalho com juventude
  - Atuar na área de Direitos Humanos
  - É possível assessoria de Koinonia na questão do conflito entre índios e reassentados? É questão melindrosa
  - Trabalho com mulheres deveria voltar
  - Comércio internacional (pensando nos produtos das áreas irrigadas)

## **CODEVASF**

*Gilca Dias de Santana*

Supervisora do Núcleo Avançado de Paulo Afonso

Relação com Koinonia:

- só conhecia os resultados (pelo Pólo), não a operacionalização
- quis trabalhar com educação da água e superintendente indicou que falasse com Atílio
- juventude: tema de interesse comum; parceria tem funcionado com apoios pontuais da Codevasf
- Planos de Gilca:
  - Fazer projetos para o MMA com as variáveis jovens e uso da água, revitalização, agroecologia
  - Há um projeto desses com o Pólo
  - Projetos podem trazer recursos para fazer ações estratégicas
  - O governo mudou, hoje somos chamados a participar de muitos espaços para discutir políticas públicas e não estamos preparados, não estamos acostumados

Trabalho com jovens:

- importante porque os filhos dos reassentados é que podem aceitar a nova realidade
- igreja católica e CPT preparam jovens
- jovens não são reconhecidos como detentores de conhecimento; precisam entrar nas prefeituras, nas Câmaras...
- preocupação de que o trabalho com jovens fique só no lazer

#### Contribuição de Koinonia:

- pensar o jovem como produtor e como ser: cultura, lazer, corpo, musicalidade, energia
- participou no Encontro Cultural e viu importância da reflexão sobre valorização do jovem enquanto cidadão
- participou do curso sobre DST-Aids (com Ester)
- trabalho de Koinonia tem seqüência, não é solto (como parecia a ela, antes)
- Koinonia vê o jovem como ser integral, com a dimensão cultural
- Conhece material de Koinonia para curso de agentes culturais e pensa em usar o mesmo método (curso em três módulos, temas...)
- "somos parceiros nas mesmas preocupações e na operacionalidade"

#### Propostas (como perspectiva):

- necessidade de maior formação política dos jovens
- mais integração: parceiros locais de Koinonia deveriam trazer os jovens para debates maiores, como o de uso da água, para que eles sintam que "o que eu aprendi tem importância, tem uso"
- importante a participação dos jovens em todos os trabalhos dos parceiros, para haver desenvolvimento sustentável
- discutir temas estratégicos via territórios
- capacitação e conhecimento sobre alternativas de produção ("desenvolver não é igual a crescer economicamente").

## Visão de parceiro do Programa TRD

### Observatório de Favelas – Jailson Silva

- O OF e K trabalham temas comuns:
  - Trabalho infanto-juvenil na economia do ilícito
  - Cadeia produtiva do ilícito (situação dos trabalhadores do campo e da cidade nessa cadeia)
  - Violência contra criança e adolescente
  
- Visões comuns:
  - “Temos uma mesma visão da pessoa humana, não como consumidor, mas como cidadão pleno, pessoa de direitos”.
  - A visão ética no trabalho de Koinonia; a valorização das dimensões ética e cultural
  - Jailson tem “matriz religiosa”, vem de movimento de igreja e considera que é essa matriz que permite uma visão de mundo e das práticas de transformação que valoriza as dimensões ética e cultural, mais que a econômica
  - Trabalho com o paradigma da presença e não da ausência (Meninada de favela cresce na negação: levada a negar cor, origem, lugar, território...)

*Toda política, mesmo das ONGs, pensam esses jovens como potenciais criminosos e fazem projetos para trabalhar com eles a partir dessa premissa. São objetos de projetos e não sujeitos de direitos.*

  - Não defender o “mínimo social”, mas uma vida plena, com qualidade
  
- Espaços comuns de trabalho:
  - Jailson participa do comitê editorial do boletim TRD, de Koinonia
  - A partir de pesquisa da OIT em 2000, na qual Atílio apresentou resultados da pesquisa de Koinonia no SMSF, participou de debate sobre trabalho infanto-juvenil na economia do ilícito, pautando o tema do plantio visto como parte da cadeia produtiva da droga e a situação dos jovens do SMSF, trazendo, junto do conceito de narcotráfico, o de “narcoplantio”
  
- Há poucos espaços e grupos que trabalham este tema. Jailson cita o Projeto Educar, do “Partners of America”, que trabalha na prevenção ao envolvimento de jovens e crianças com plantio de produtos ilícitos; e o Grupo Catavento, da Paraíba, que existiu por pouco tempo.
  
- O projeto do OF que tem conexão direta com o tema do Programa TRD é o Rotas de Fuga. Jailson já conhecia Atílio desde o CEDI e, quando começou o debate sobre violência e drogas, convidou Koinonia porque “queríamos interlocução com o meio rural”. Assim, K participou do desenho do Rotas de Fuga.
  
- Relação com Koinonia: “É um namoro que pode se aprofundar. Há um grau de confiança muito grande”. Falta criar mecanismos para os objetivos comuns (ver obs no final do texto).

- No campo do debate político e da intervenção em políticas públicas, o OF, junto com a Associação F4 (4 Favelas) e a Central Única de Favelas +3, apresentaram ao presidente Lula uma proposta para redução da violência. Estão colocando em execução em Programa Nacional de Redução da Violência Letal em quatro cidades: Recife, Brasília, Belo Horizonte e Rio, com apoio da Unicef, da ICCO e da Save the Children.
- Nas metas da ONU para o Milênio, está a redução da mortalidade infantil. Ele considera que o Brasil já avançou bastante nesse indicador, mas que hoje é a mortalidade juvenil que assusta, porque está aumentando. O OF propôs a Meta do Milênio Nacional como redução da mortalidade juvenil até 2015 e quer oferecer metodologias para isso. Na questão da violência em área rural na economia do ilícito, a referência é Koinonia.
- A proposta do OF é construir tecnologia social para oferecer ao Estado/Governo (políticas públicas governamentais). Trabalha com forte viés de arte e comunicação porque acredita que "só através do simbólico poderemos mudar o político".

*Obs:*

*A parceria existe no plano da construção de conhecimento, problematização, reflexão. Pode evoluir para práticas comuns. Uma provocação seria: que tal trabalhar um projeto comum, com recursos compartilhados, para realizar uma oficina de fotografia nos moldes do OF, com seus profissionais, no SBSF, para um grupo de agentes culturais? E, com o produto dessa oficina, fazer uma exposição que trouxesse a realidade dos jovens rurais, junto com fotos dos jovens de favelas do OF? Dar visibilidade aos temas por meio de expressões artísticas, culturais e de comunicação é a especialidade do OF; uma ação cultural conjunta poderia ser muito estimulante... Criar mecanismos para colocar, no circuito que o OF domina, produtos culturais e artísticos da juventude do SMSF, como fotos, textos, vídeos etc. A grande dificuldade para isso é a questão do financiamento. Jailson mobiliza muitos recursos governamentais; poderia se interessar em captar um recurso para um projeto conjunto com Koinonia? Acredito que sim. Isso seria fundamental, para que Koinonia não ficasse com o ônus do projeto.*

## **Programas Ecumenismo, Diálogo e Formação (EDF) e Redes Ecumênicas e da Sociedade Civil (RESC)**

O programa EDF tem como proposta central a formação de um núcleo para produção de conhecimento sobre ecumenismo e, como “oferta” de formação, um curso formatado sobre o tema, que é ministrado quando há solicitação.

O programa se confunde com o RESC no que diz respeito a articulação; e se reflete em todos os demais programas de Koinonia no que tange à questão de formação (nesse caso, o diferencial é que se trata de formação específica sobre ecumenismo).

*A estreita relação entre os dois programas, no aspecto de articulação, é proposital; foi uma estratégia de Koinonia para enfrentar o panorama de redução de recursos financeiros disponíveis para esse tipo de ação.*

Os públicos da ação formativa do EDF fazem a ponte entre EDF/RESC/programas de campo de Koinonia. Trata-se dos mesmos atores, em ações específicas de formação em ecumenismo, que acontecem mais ou menos nos mesmos espaços.

Na prática, essa formação tem acontecido nas Jornadas Ecumênicas e nos espaços do PAD, que são também espaços de articulação com as redes, objeto do programa RESC.

### *Desafio: metodologia de formação*

Considerando que formação é um dos desafios institucionais de Koinonia e é um campo de atuação reconhecido como uma das “marcas de identidade” da instituição (ver entrevista da Fase), poderia ser colocada a questão de se interessa a Koinonia pensar uma “política de formação”, com “princípios metodológicos” definidos, ou com a explicitação dos formatos que têm sido experimentados, algo que norteasse toda a atividade formativa que os diversos programas desempenham, definindo o conceito de formação utilizado por Koinonia e criando uma linguagem comum para o trabalho formativo/educativo que acontece em todos os programas. (Na visão do secretário executivo de Koinonia, o PTRD e o PSD são claramente de formação, mas os outros são mais de produção ou transferência de conhecimento). Isso talvez servisse para afirmar essa parte da identidade de Koinonia e contribuir com outros parceiros e com o movimento social e ecumênico em geral. (Ver entrevistas dos parceiros do Programa RESC).

“Vemos hoje, não só em Koinonia, a carência brutal de formação política” (Rafael). Nas entrevistas feitas no PTRD aparece essa preocupação. Para Rafael, do discurso teórico teológico e social, o campo dos direitos é o que menos limita, na área da formação.

Marta Palma, em sua entrevista, insiste no desafio de formar novas lideranças nas igrejas, com visão ecumênica; e na necessidade de metodologias, materiais e linguagens adequados “a nosso tempo”. Julia Ester fala também do papel pedagógico de Koinonia, na formação e na qualificação para o debate sobre ecumenismo. E Humberto Shikiya fala de “pedagogia do diálogo”.

As Jornadas Ecumênicas podem ser pensadas como momentos de formação por excelência. São citadas por todos os parceiros ecumênicos como uma iniciativa preciosa, na qual o papel de Koinonia é essencial – as jornadas foram criadas por

Koinonia e embora haja, a partir da segunda, colaboração de outros parceiros, o protagonismo é de Koinonia. As pessoas entrevistadas nas áreas de base de atuação dos programas citam as jornadas como momentos especiais, "de virada", "de descoberta", "de mudança". São também momentos em que os distintos públicos de Koinonia se encontram; e em que os parceiros ecumênicos de Koinonia interagem com esses públicos. Este é, portanto, um dos formatos com que Koinonia trabalha o aspecto formativo de sua missão – um formato que tem dado resultado positivo – a partir do qual pode-se pensar princípios norteadores e metodológicos para a ação educativa.

Há oportunidade de se repensar a questão da formação em todos os programas – PSD, TN-Quilombos, TRD, Egbé – por causa de questões concretas que rebatem em definições de fundo: qual é o papel de Koinonia nesses processos formativos? Até onde quer/pode ir?

Por exemplo, o desafio do PSD com a demanda exponencial pela cartilha Aids e Igrejas, a partir sobretudo da tiragem do MS; a demanda da formatação de cursos em outros temas dentro da área de SD; a demanda por adaptação de linguagem para públicos distintos (além do público de igrejas); a própria demanda em ascensão pelo público das igrejas (ver entrevista de Keila, Igreja Metodista).

No caso do PTN, a demanda concreta por continuar a formação em direitos nas comunidades, mas também a demanda por formação em temas produtivos e de uso da terra (pensar a continuidade das ações disparadas com o MDA e o balcão de direitos); e o desafio da prática de pesquisa como atividade formativa.

No caso do PTRD, o desafio do acompanhamento aos ex-cursistas agentes culturais, a necessidade de maior formação política e a questão de como se pode aproveitar o ambiente favorável na Codevasf local para um trabalho formativo/educativo em relação a temas de desenvolvimento sustentável vinculados à identidade do jovem rural e aos direitos. No caso do Egbé, a continuidade do diálogo intra-candomblé e inter-religioso, que tem gerado publicações, mas também a formatação das capacitações específicas, como o trabalho com documentação e arquivo.

Cada um desses programas tem seus esquemas (metodologias, materiais, conceitos) para trabalhar formação. Há uma ênfase no conceito de "formação de multiplicadores" ou "formação de formadores" no PSD e no PTRD; essa ênfase não aparece no Egbé e no PTN Quilombos.

O PSD trabalha com molde de curso em módulos, com material didático de apoio, no tema do HIV-Aids, mas entendendo que o processo tem um tempo interior diferenciado para cada pessoa, que começa com a sensibilização para o tema; tem também formatos de oficinas para direitos reprodutivos, mas ainda não para gênero.

O PTRD trabalha com formato de curso em 3 módulos e material de apoio para os agentes culturais (seguido de uma ação cultural concreta – conceito do aprender-fazendo).

Talvez valesse a pena Koinonia se debruçar sobre sua prática formativa nos diversos níveis e sistematizá-la. Um dos resultados poderia ser um maior nivelamento interno, como um tipo de intercâmbio entre as iniciativas dos diversos programas, aprendendo uns com os outros e refletindo sobre aspectos norteadores dessa prática.

### *Resultados alcançados: Programa EDF*

Pode-se dizer que o Programa EDF tem avançado em direção a seus objetivos específicos (contribuir para visão ecumênica de mundo; compromisso social de comunidades religiosas), embora haja muito caminho ainda a ser trilhado. Em termos de resultados esperados, o núcleo para produção de conhecimento ainda não foi formado como tal; houve a realização de um simpósio (citado pelo diretor executivo da Fase, em sua entrevista), a partir do qual foram publicados cinco artigos (relatório anual 2005). Há indícios, nas entrevistas, de que o resultado relativo à capacidade de análise e conhecimento sobre ecumenismo por líderes de movimentos sociais e comunidades religiosas tem sido alcançado dentro das metas propostas. Sobre o resultado referente a pessoas religiosas com maior autonomia em suas ações sociais e políticas, e considerando o público preferencial de Koinonia – lideranças intermediárias – as pessoas ouvidas neste processo de avaliação foram aquelas envolvidas com o PSD e com o Egbé; nesses dois casos, os resultados positivos são evidentes. A principal estratégia de ação para este resultado é um momento específico de formação, que acontece nas jornadas ecumênicas; e estas foram citadas muitas vezes, nas diversas entrevistas, como momentos fundamentais nas vidas dessas pessoas, momentos de muita intensidade e de muitas descobertas.

### *Articulação: o papel de Koinonia visto pelos parceiros*

Os processos de articulação, objeto do Programa RESC, têm avançado significativamente. Koinonia é reconhecida por seus parceiros nacionais e internacionais como cumprindo um papel relevante nos processos do FE Brasil, do PAD, do CLAI, do CMI, do CONIC. Todos reconhecem a identidade ecumênica de Koinonia como sua “marca registrada”, mas um ecumenismo de prática e uma postura desafiadora, trazendo temas que inquietam, como o diálogo inter-religioso e a relação das igrejas com HIV-Aids (dois focos muito citados). Todos também reconhecem como um diferencial de Koinonia sua capacidade de reflexão e de produção de conhecimento.

Para a FASE, um parceiro da sociedade civil, que não é ecumênico, mas que faz parte do PAD, o fato de Koinonia transitar em ambientes religiosos como o CONIC e o CMI, é positivo porque “leva uma postura mais progressista a esses ambientes” que, em última instância, definem os rumos da cooperação ecumênica internacional.

Koinonia é vista como uma instituição autônoma, independente, que pratica um ecumenismo “profético” (no sentido de trazer temas provocativos, ligados à vida real) e que tem profundo compromisso com a prática social. É reconhecida por sua produção intelectual, que é ainda mais respeitada por estar vinculada a práticas muito concretas (“ética da solidariedade”). Seu papel articulador é ressaltado – reconhecem que muitas situações ou eventos não teriam ocorrido ou teriam ocorrido de forma diferente sem a participação de Koinonia; sua capacidade de levar adiante o tema dos Direitos Humanos no PAD, por exemplo, é amplamente reconhecida. Também o empenho de fazer acontecer, de tomar para si muitas responsabilidades e cumpri-las, ocupando espaços não só nas formulações – idéias, pensamento, construção de conhecimento – mas na organização, em ajudar a fazer acontecer.

Os parceiros colocam alguns desafios para Koinonia, tais como seguir ocupando posição de destaque no ecumenismo Latinoamericano (Shikyia); pensar em novas estratégias de formação ecumênica para as igrejas, sobretudo para as bases das igrejas (Marta Palma); no processo do PAD, continuar o trabalho junto com os

demais parceiros para que as relações bilaterais mudem para melhor, e mudaram as relações multilaterais (Julia Ester).

*O texto mais completo sobre a visão dos parceiros está em "Leitura Transversal das entrevistas".*

### Relação com o governo

No campo de relações com o governo, Koinonia tem participado dos espaços de discussão sobre política de drogas; tem produzido material informativo que ajuda a pautar a sociedade civil e, em alguma medida, o governo, no tema dos quilombos; tem trabalhado com espaços concretos como o Balcão de Direitos e o projeto do MDA nas comunidades quilombolas; com a política pública municipal de saúde, em Salvador, nas feiras de saúde dos terreiros; e também com a política pública de saúde no caso do CTR de São Paulo (e, agora, com o MS, Programa Nacional de HIV-Aids, com a publicação da cartilha).

No entanto, não há – e talvez não seja a intenção – ações especificamente voltadas para apoiar a ocupação de espaços públicos de formulação de políticas, como Conselhos, Fóruns, etc. Nem se percebe uma direcionalidade de Koinonia para “demonstrar” ao governo possibilidades diferentes de atuação, ou “exportar” para o governo metodologias. Parece ser um trabalho mais na linha de fortalecer a sociedade civil e as comunidades com que trabalha diretamente para que possam lutar por seus direitos; e de aproveitar espaços diretos e práticos de parcerias, como nos casos citados.

Se é assim, isso está de acordo com a decisão tomada há anos atrás pela instituição (de acordo com Anivaldo Padilha) de apoiar as comunidades concretas para que ocupem espaços de financiamento nas políticas públicas e de não entrar em relação “instrumentalizada” com o governo, aproveitando ela mesma (a instituição) esses espaços.

Segundo Rafael, trabalhar com Políticas Públicas não é uma intenção metodológica clara; a intenção é que as comunidades tenham autonomia. O Estado é muito importante, mas não é a mediação principal. É preciso sempre encontrar a liberdade de espírito... Essa postura vem do espírito protestante, que é um dos ethos de Koinonia: a liberdade do espírito é não se estar ligado a nenhuma forma visível, humana, histórica.

No planejamento estratégico, coloca-se o desafio de, no cenário do governo Lula, participar de fóruns de monitoramento de políticas públicas e de colaborar com programas governamentais que atendam aos grupos sociais aos quais Koinonia presta serviços. Aqui é importante considerar as relativizações que foram expressas nos relatórios de 2004 e 2005 em relação ao cenário político. Mesmo assim, pode-se dizer que a proposta inicial está sendo realizada, mas pode-se refletir sobre até onde ir nessa colaboração e que novos formatos ela pode ter; no campo do monitoramento das políticas públicas, parece ainda haver muito espaço para trabalhar o empoderamento dos grupos sociais (públicos dos programas) para ocupar espaços locais de formulação e debate de políticas. Há ainda muito trabalho organizativo a ser feito, por exemplo, no caso dos quilombos; até onde Koinonia quer ir, e com que formato? Para a instituição, segundo Rafael, o critério é sempre aumentar a presença dos grupos nos espaços de busca de seus direitos; Koinonia se pensa mais como serviço que como ator: “os atores principais não somos nós”.

### *Resultados alcançados: Programa RESC*

Pode-se dizer que os objetivos específicos do Programa RESC (fortalecimento do campo ecumênico nacional e internacional e das redes ecumênicas e da sociedade civil) estão sendo alcançados. Os resultados previstos (que citam espaços específicos dos processos de articulação e parceria) têm sido efetivados, com uma extensa lista de atividades realizadas, inclusive extrapolando o esperado. Koinonia faz um grande esforço de articulação e cumpre esse papel com qualidade, como demonstram as entrevistas dos parceiros ouvidos, nos âmbitos do CLAI, do CONIC, do FE Brasil, do PAD, na assembléia do CMI ocorrida no Brasil, no FSM, nas Jornadas Ecumênicas, no avanço em manter e ampliar agendas comuns.

### *Eixos transversais*

Considerando os dois programas, o tema do ecumenismo vem sendo fortalecido em espaços ampliados pelo trabalho de Koinonia. Isso também acontece nos demais programas, em medidas diferentes (eixo transversal). Da mesma forma, o tema da superação da violência, considerada como violação de direitos. Nesses aspectos, pode-se afirmar que as estratégias de ação de Koinonia estão de fato alinhadas com o objetivo superior de seu planejamento estratégico.

**Visão dos parceiros**  
**Leitura transversal das entrevistas (programas EDF e RESC):**

O que distingue Koinonia (seu diferencial):

*Ervino Schmidt:*

- teologia ecumênica crítica
- vanguarda
- caráter ecumênico
- vivência concreta de espiritualidade ecumênica
- postura sem preconceitos
- desafio (“teologia da proscricção”)
- não ser ligada às igrejas
- pessoas estarem ali “por gosto”

*FASE:*

- temas claros: juventude, luta contra intolerância religiosa, DH e dinâmica religiosa
- atuação em formação
- ecumenismo: ethos específico

*Humberto Shikyia:*

- papel profético/ “provocativo”
- articulação entre comunicação, produção de textos e ação concreta
- ecumenismo (marco mais amplo), atitude profética e dimensão do teológico
- generosidade da instituição e das pessoas
- Praxis e produção de conhecimento: uma boa política institucional. Socializar textos, práticas e a produção de conhecimento é muito importante – e isso não é somente a alma, senão o “corpus” de Koinonia, que marca seu envolvimento com a cooperação internacional.

*Julia Ester:*

- contribuição para a formação e para o debate sobre DHESC e ecumenismo
- trabalho concreto na Bahia sobre intolerância religiosa
- produção de conhecimento
- capacidade de ver o espaço vazio e ocupá-lo bem

*Marta Palma:*

- prática concreta de apoio/compromisso
- combina o serviço (diaconia) com o papel profético e político

*Rui Bernhardt:*

- não ter relação formal com as igrejas
- pessoas com compromisso com DH e ecumenismo; são as pessoas que dão esse caráter à instituição

Desafios:

*FASE:* (sobre o trabalho com comunidades locais, trabalho de campo):

- importante definir com clareza a metodologia de intervenção, o papel da instituição e até onde vai seu trabalho de mediação;
- sistematizar seus formatos educativos desenvolvidos ao longo do tempo e da prática;

*Humberto Shikyia:*

- No âmbito da AL, o desafio é materializar ações para seguir mantendo o papel reconhecido que já tem (ex: diálogo inter-religioso)

*Julia Ester:*

- No âmbito do PAD: fazer avançar as relações bilaterais (como avançaram as

multilaterais)

*Marta Palma:*

- reinventar estratégias de formação ecumênica com materiais, metodologias e linguagens adequados a nosso tempo;
- refletir mais sobre onde estão os vazios e como ocupá-los.

Tempo e Presença:

*Erwino Schmidt:*

- Tempo e Presença é um serviço inestimável, uma referência, traz material de qualidade e ajuda na vontade de caminhar junto

*FASE:*

- destaque para o papel da Tempo e Presença na produção de discussão filosófica e reflexiva sobre DH e ecumenismo (ele acha que se deveria medir mais o impacto da revista)

Ecumenismo:

*Erwino Schmidt:*

- Koinonia nos ajuda a caminhar com o povo (diferentemente do ecumenismo oficial)
- Ecumenismo na prática é diferente de ter só bons documentos escritos por bons teólogos. Há muitos bons documentos elaborados por comissões teológicas, mas isso não garante o **ecumenismo na prática**. Isso acontece mais nas celebrações ecumênicas e no movimento pela paz, tipo Semanas de Celebração pela Unidade dos cristãos
  - Campanhas da fraternidade 2000 e 2005, feitas pelo Conic, foram experiências super gratificantes
  - **Koinonia tem postura sem preconceitos**

*FASE:*

- Koinonia traz posições mais progressistas para espaços ecumênicos (tipo CMI)

*Marta Palma:*

- prática concreta que permeia visão mais política do compromisso ecumênico

Espaços Ecumênicos:

CMI:

*Marta Palma:*

- Koinonia trabalha com temas do maior interesse para a agenda ecumênica, como: justiça, direitos, DHESC-A, promoção do ecumenismo, saúde.
- Nos eixos transversais – gênero, ecumenismo, superação da violência – o envolvimento de Koinonia em várias ações no Brasil são importantes no cenário da Década Contra a Violência.
- A partir de uma prática concreta que permeia uma visão mais política do compromisso ecumênico, Koinonia tem e pode ter mais ainda um papel importante. Pode contribuir para o diálogo e a formação ecumênica, experiência de fé comprometida; para a pluralidade cultural e religiosa, com as ações que já vem desenvolvendo contra a intolerância, respeito à diversidade, criação de valores democráticos.
- Crucial o papel de Koinonia na preparação da plenária e na criação de um ambiente que favorecia o diálogo na Assembléia do CMI.
- No tema das redes ecumênicas da sociedade civil: o CMI vai priorizar redes, sobretudo as que participaram do mutirão, com temas de direito, paz, meio

ambiente. Koinonia pode **contribuir para mobilizar a ação ecumênica a nível de AL e além**, como foi no FSM.

#### América Latina/CLAI:

##### *Humberto Shikyia:*

- Salto importante na visibilidade e na promoção de um ecumenismo latinoamericano a partir de uma perspectiva teológica de diálogo inter-religioso e social.
- Koinonia reforça a idéia de ecumenismo vinculado ao campo dos Direitos Humanos, à construção de novos símbolos na América Latina – paz, diálogo inter-religioso; e também anima a capacidade de tolerância e respeito e de uma pedagogia de diálogo.
- Koinonia já vem trabalhando em um tema importante que é Aids. Outro é a compreensão do diálogo inter-religioso e a perspectiva desse diálogo, e de compreender o ecumenismo além das igrejas.

#### PAD:

##### *FASE:*

- Koinonia entra tentando alargar o campo, fazendo ecumenismo que é seu ethos específico;
- As linhas de trabalho de Koinonia no PAD: atuação no FSM; relatórios; manutenção da centralidade temática do PAD, com um processo de militância ecumênica paralelo.
- O GT passou a ser de DH e Ecumenismo, fundindo-se com o próprio PAD, centrado na questão dos direitos. Koinonia é elemento importante de articulação nessa mudança
- GT tem sido positivo por ser sugestivo para a Cooperação Internacional e para as organizações apoiadas pelas agências
- GT tem mantido vivo o PAD, com muita interface, muita discussão
- positivo a produção de discussão filosófica e reflexiva sobre o tema, com destaque para o papel da Tempo e Presença (ele acha que se deveria medir mais o impacto da revista)
- K tem mais organicidade no tema do PAD que a Fase: Fase tem pessoas em lugares diferentes no PAD e com posicionamentos diferentes, o que não dá clareza temática; Koinonia tem **temas claros: juventude; luta contra a intolerância religiosa; DH e dinâmica religiosa**

##### *Julia Ester:*

- participação de Koinonia tem sido uma “força central” – uma das organizações que tem pautado de forma mais veemente o caráter ecumenico do PAD e tem nos ajudado a promover o debate com as agencias acerca do papel ecumenico: o que significa ser ecumenico; trabalho no GT Ecumenismo, DH e Paz; produção de subsídios: responsável pela produção de subsídios para orientar a coordenação do PAD e os regionais; esses subsídios também têm favorecido as agencias de cooperação.
- Foi um trabalho pedagógico e de articulação política no sentido de fazer presente essa temática em tudo que o PAD promovia – “o que fortaleceu muito foi nossa presença no 5o. Fórum Social Mundial, quando criou-se a coalizão ecumênica, esforço conjunto FE-Brasil e PAD”.
- No âmbito do Fórum, o esforço do FE Brasil (de Koinonia e da CESE) foi de sensibilizar o CMI. Construir um único espaço que promovesse o debate entre DH e Ecumenismo.
- A partir do momento que Koinonia teve mais participação no PAD – contribuição para a formação e capacitação o para o debate DHESC e ecumenismo; ajuda no

papel de articulação. Outras fazem também articulação, mas não com a contribuição para a elaboração dos temas e a capacitação para o debate. Ex: nos textos sobre DH e Ecumenismo, praticamente todo o primeiro esforço parte de Koinonia.

- Objetivos do PAD não foram alcançados, mas processo politizou e qualificou as relações multilaterais; o PAD ajudou a estabelecer uma relação mais transparente internamente e entre agências; pautar os DHESC e o ecumenismo nas agências
- a produção de conhecimento e participação no GT colocou mais presente, mais visível, mais claro para as agências a importância do papel de Koinonia.
- Koinonia soube ocupar seu lugar de maneira muito sábia – percebeu que este lugar estava vago e era necessário ocupá-lo; e o fez muito bem.
- Conseguiu fazer trabalho articulado com o GT DHESC.
- No âmbito interno (Brasil): ganhou visibilidade por causa de sua produção e também deu maior visibilidade ao seu trabalho com intolerância religiosa e com quilombolas

#### Outros espaços ecumênicos:

##### *Erwino Schmidt:*

- CONIC e Koinonia se completam; Koinonia pratica mais uma “teologia da proscricção” (que vai além, que desafia); **Koinonia sempre foi um desafio**
- CONIC mais na linha do ecumenismo oficial e K mais na linha de **nos ajudar a caminhar com o povo**
- Papel importante no FE Brasil

##### *FASE:*

- Há um ambiente em que Koinonia e CESE atuam (tipo CMI) e entidades como a FASE, não; ele considera muito bom que K tenha essa atuação, porque “**traz posições mais progressistas** para o campo dos direitos nesses ambientes”.

##### *Humberto Shikyia:*

- A participação de Koinonia no Fórum Compartilhar Ecumênico de Recursos impulsiona a uma lógica no sentido do diálogo inter-religioso. Também em sua participação na Aliança Ecumênica Mundial para o Desenvolvimento, no aspecto profético, com o programa HIV-Aids.

##### *Julia Ester:*

- Foram produzidos dois grandes seminários no FSM. Foi tão produtivo que um GT de DH da Aprovev (diretores de políticas das agências) dirigiu um convite ao PAD e ao FE Brasil para ajudar a constituir de novo a coalizão para o FSM de Nairobi. Um dos delegados para isso é Koinonia (Atílio)

##### *Rui Bernhardt:*

- Koinonia tem uma participação muito forte na CESE, no CONIC e no CLAI Brasil, do qual Anivaldo foi presidente. No FE Brasil, a presença foi sempre muito importante – quase não se pode imaginar esse FE sem Koinonia. E nas Jornadas Ecumênicas (“foram os incentivadores da primeira”).
- FE Brasil é justamente a tentativa de aproximar igrejas membros do Conic e Clai com organismos ecumênicos. Koinonia buscou no FE essa aproximação. No passado, esteve mais afastada das igrejas; o comprometimento era das pessoas. O processo do FE Brasil ajudou nessa aproximação.

#### Superação da violência:

##### *FASE:*

- No encontro do PAD em Salvador, ICCO traz um eixo de DH pensado em termos de guerra e paz, para trabalhar o tema da violência; os parceiros brasileiros trabalham mais com processos de luta contra a criminalização de pessoas

envolvidas em situações de negação de direitos, com tendência de trabalhar controle público e construção de casos

- A grande causa comum é a dos Direitos

*Marta Palma:*

- Nos eixos transversais – gênero, ecumenismo, superação da violência – o envolvimento de Koinonia em várias ações no Brasil são importantes no cenário da Década Contra a Violência.

#### Jornadas Ecumênicas:

*Erwino Schimidt:*

- Jornada ecumenica: tentativa de fazer a base das igrejas descobrir o que é espiritualidade ecumenica. A partir da segunda, foram feitas em conjunto com FE Brasil, mas a iniciativa foi de Koinonia

*Humberto Shikyia:*

- Jornada Ecumênica é ação emblemática da proposta ecumênica de Koinonia

*Rui Bernhardt:*

- Não se pode imaginar as Jornadas Ecumênicas sem Koinonia; “foram os incentivadores da primeira”.

#### Diálogo inter-religioso:

*Humberto Shikyia:*

- Desafio para Koinonia na América Latina (em que pode contribuir): a questão do diálogo inter-religioso com as religiões de matriz africana – para o futuro, isso vai ter importância na questão cultural e se esperaria de Koinonia contribuir com outros países a partir de sua experiência

*Julia Ester:*

- No PAD, esse trabalho contra a intolerância religiosa na Bahia tem sido **muito improtante porque ajuda a fazer debate sobre o ecumenismo**

*Marta Palma:*

- Koinonia contribui e pode contribuir ainda mais **para a pluralidade cultural e religiosa**, com as ações que já vem desenvolvendo contra a intolerância, respeito à diversidade, criação de valores democráticos.

*Rui Bernhardt:*

- Koinonia trabalha o ecumenismo para além das igrejas cristãs, com o diálogo inter-religioso, com propostas de grande comprometimento e projetos que demonstram que há condições para superar a discriminação. Dialogo inter-religioso não é uma área fácil. K pode contribuir muito para as igrejas e outras organizações ecumenicas que têm respaldo nas igrejas cristãs. É importante que as igrejas sejam desafiadas, como K faz. “Precisamos de K junto com as igrejas nessa caminhada”. Essa busca de diálogo com o não cristão tem perigos. Pode tentar nivelar muito, de forma mais genérica, a ponto de gerar conflito. Por exemplo, um encontro entre cristãos e não cristãos, quando se procura fazer a celebração conjunta, as vezes há nivelamento e isso é muito perigoso, há que saber separar. Há coisas que não se podem misturar. O diálogo deve ser entendido na medida em que se busca questões que são comuns a todos, cristãos e não cristãos; o que temos em comum, como a busca pela construção da paz. Nisso, vai-se encontrar pessoas cristãs e não cristãs, cada um com sua motivação. Não pode ser nivelada a espiritualidade, mas sim as causas sociais pelas quais as pessoas lutam.

### *Institucional*

*O aspecto institucional não foi objeto prioritário desta avaliação. Apresento a seguir apenas algumas considerações que podem ser motivadoras. Um processo de avaliação institucional pode ser interessante, observando a estrutura, funções, competências, fluxos, administração etc.*

Relação do Planejamento com os recursos financeiros disponíveis para sua realização:

Quando foi elaborado o Planejamento estratégico, foi previsto um aumento progressivo de captação anual de recursos financeiros. Isso não somente não aconteceu, como houve perda real (acúmulo da ordem de 30 a 40%) por causa, sobretudo, da variação cambial do dólar.

Frente a essa situação recessiva, foram feitos cortes em ações planejadas. No entanto, os programas desempenharam muito do que havia sido proposto, às vezes até mais, superando as expectativas. Mas também pode-se notar os efeitos da queda na receita de Koinonia pelos depoimentos não somente da equipe, mas também de partes do público envolvido. Por exemplo, no SMSF aparecem claramente as queixas de que se deixou de fazer reunião de avaliação, ou reuniões do Coletivo, ou outras ações, pela falta de recursos financeiros.

Por outro lado, as perspectivas de captação para o próximo são as melhores possíveis, segundo Rafael. Espera-se triplicar a captação de Koinonia em 2007, o que significa que se poderia avançar tranquilamente nas ações planejadas e inclusive ir além.

Nota-se um ambiente de economia consciente em toda a equipe. Todos sabem que não há recursos e trabalham com a mentalidade de fazer render o que tem. Um tipo de medida muito saudável é o uso do skype para substituir o telefone, por exemplo. O tipo da coisa que ajuda a criar cultura institucional.

Para manter a equipe com seus salários, foram feitas algumas escolhas de cortes financeiros. Atividades foram reduzidas, metas foram "empurradas" para 2007, os membros de Koinonia deixaram de receber parte de seus direitos trabalhistas para que se pudesse manter a equipe como um todo.

Se essa situação recessiva paira todo o tempo nas conversas e atitudes, por outro lado não tem significado diminuição de entusiasmo, dedicação ou desempenho; pelo contrário, a quantidade de ações realizadas e de metas alcançadas é grande, sobretudo considerando essa situação adversa (o único comentário menos animado foi do serviço de comunicação, referindo-se a que esta avaliação não acontecia no melhor momento, porque ficava difícil pensar em perspectivas num cenário tão recessivo).

Koinonia está testando um formato diferente de captação de recursos, contratando uma pessoa exclusivamente para isso.

### *Planejamento, monitoria e avaliação*

O processo de planejamento estratégico parece ter sido muito rico (ver entrevista de

Humberto Shikyia), gerando um produto (o plano) que vem sendo efetivamente utilizado como instrumento gerencial, monitorado anualmente.

Uma sugestão seria pensar em trabalhar monitoria também com instrumentos qualitativos, como por exemplo o conceito de "mudanças significativas" (há um método, para isso), o que permite uma visão complementar à dos indicadores objetivamente verificáveis da matriz de planejamento (que tendem a ser muito quantitativos).

A realização desta avaliação trienal busca preencher um pouco esse espaço do qualitativo com a visão do público e dos parceiros de Koinonia. Pode-se sugerir que uma avaliação deste tipo seja mais interna que externa, ou seja, um processo de debates internos, mais que um trabalho de consultor externo.

Esta avaliação pretende trazer, mais que a visão da consultora contratada, a opinião dos públicos e parceiros de Koinonia. A tarefa da consultora foi, mais que tudo, sistematizar essas opiniões, reflexões, visões sobre o trabalho de Koinonia.

#### *Ambiente institucional*

Há um clima geral de satisfação e de dedicação na equipe de Koinonia; um clima de amizade. Foram ressaltadas qualidades como generosidade das pessoas e da instituição (Shikyia); ambiente agradável, amizade, apoio, respeito (SMSF, Ester/PSD).

Percebe-se que todos estão envolvidos numa causa; a adesão não é somente a um trabalho, mas a uma motivação de vida. Isso faz diferença.

E o "jeito de ser" de Koinonia tem a ver com qualidades como respeito ao outro, solidariedade, apoio... Significa que se pratica em casa o que se planeja e se projeta nos programas e nas causas.

#### *Serviço de Comunicação*

As duas pessoas que trabalham na Comunicação foram entrevistadas. Explicaram que sua função é "prestar assessoria aos programas", com ações de apoio às publicações, alimentação do *site* e do mural do *site*. Entendem sua função como "ser um instrumento para fazer circular as informações entre quem precisa delas". Isso às vezes significa debates com os programas sobre notícias, atentando para os públicos aos quais são dirigidas ("essa notícia não interessa a tal público..."). Entendem que trabalham com públicos dos programas, parceiros e público em geral.

Procuram saber se as notícias e boletins são lidos, mas nem sempre obtêm essa informação dos programas.

O serviço entende que também presta uma assessoria institucional, elaborando um boletim anual que traduz o relatório de atividades.

Sobre visibilidade: é importante porque dá mais possibilidade de ampliar e melhorar o trabalho, mais reconhecimento. É importante porque, ao ter mais visibilidade, Koinonia está dando também maior visibilidade ao campo ecumênico.

Com o planejamento estratégico, acreditam que a comunicação saiu de "produzir

sem parar” para um modelo mais cuidadoso.  
Um dos resultados do planejamento é que hoje não se faz nenhum produto de comunicação sem conversar com o serviço.  
Ter o site como o lugar público da instituição foi um grande avanço.

Comunicação é um serviço porque não se justifica por si só.

O que poderia melhorar:

“No melhor dos mundos”, gostariam de participar dos eventos (sentem-se muito isoladas).

O site precisa melhorar, pensar-se para quem é de fora do mundo ecumênico, falar para além de seus pares – isso já está acontecendo com os “links”.

Acham que têm contribuído com idéias e sugestões para os boletins; tentam que em todos eles haja espaço para as vozes do público.

Perguntadas sobre a política de comunicação, disseram que havia um documento inicial, ainda interno, e que estava mais lento que o esperado a implementação do núcleo e da política de comunicação.

A leitura do documento “Para chegar a uma política de comunicação de Koinonia” leva a considerar que parece não estar ainda muito claro o papel da comunicação, o que se quer do serviço e como fazer isso, para a equipe envolvida. A idéia de uma comunicação mais pro-ativa não parece estar funcionando bem.

Conversa com Rafael sobre visibilidade:

Visibilidade: de Koinonia ou dos temas? Visibilidade institucional com qual intenção? A “modéstia” é proposital? Visibilidade passa pela capacidade de fazer mais advocacy; pode ajudar na sustentabilidade; não sabem fazer marketing, veem isso como uma abordagem negativa, talvez pelas heranças: clandestinidade, cristã e antropológica. Às vezes, isso não é prático, auto crítica demais não é tão bom. A gente não sabe fazer isso da visibilidade bem. Esperam mais iniciativa da comunicação nesse aspecto. Processo de discussão da política de comunicação está em transição – há um documento, que está em transição para sua implementação.

### *Documentação*

Andréia é feliz com o que faz e transmite isso. Acha que a documentação é algo vivo e que deve servir aos programas, e tenta fazer com que assim seja. Mostra com orgulho os armários com tudo catalogado. Há um sistema informatizado para essa biblioteca.

O trabalho com o Egbé, em Salvador, foi iniciativa dela, a partir da possibilidade aberta por Rafael. E está dando muito certo (ver entrevista de Jussara a respeito).

### *Projetos X Programas*

Perguntamos o que mudou quando os projetos se transformaram em programas, na lógica que surge a partir do Planejamento Estratégico. No PSD, fica claro a ampliação temática e de públicos. Há respostas a essa pergunta nos capítulos referentes ao PSD e ao PTN; valeria a pena fazer essa pergunta conjuntamente, pensando a instituição. A lógica que se queria, com o PE, está sendo alcançada? O que mudou?

Como se avalia essas mudanças?

Rafael:

Koinonia não trabalhava com programas. Tinha-se uma análise de conjuntura de que centros de documentação ou de referência não tinham muito futuro. Tinham uma casa de serviço (no sentido diaconal, pastoral) e ter um núcleo o mais generalista possível, para trabalhar com projetos de começo, meio e fim, sem o pensamento de programas. Produzir conhecimento sobre campos determinados.

Para o planejamento estratégico:

- viram que tinham laços históricos construídos pela ética da solidariedade. Sempre estabelecer vínculos locais.
- capacitar Koinonia para fazer advocacy de forma mais plena.
- Aspectos metodológicos.

*Trabalho local é importante para intuir a solidariedade, trazer para pessoas concretas; mas isso é limitado. Antes a gente pensava que os projetos iam terminar – provisoriedade do compromisso; viram que não era assim. Estamos querendo visualizar como se pode, a partir do mais local, repercutir para vários. Pensar no que fazemos como sistematizável para ser utilizado em outros lugares. Documentação é um espaço também de monitoramento.*

Segundo Rafael, o critério da eficácia do trabalho não é “dar certo”, mas aumentar a presença dos grupos com os quais Koinonia trabalha. O trabalho local tem a ver com exemplaridade, o que é fundamental. Koinonia chama isso de ação cultural. E trabalha com uma ética de compromisso com públicos locais e categorias sociais bem definidos.

“Não conseguimos atingir 100% do programático, mas só avançar em dimensões programáticas”. Ex: dimensão da documentação como aspecto programático melhorou, mas ainda tem chão para caminhar. Documentação se transformar em serviço: ainda falta. Com a comunicação, ainda falta muito.

